

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

JOÃO VICTOR MENDES SOUZA

ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL:
A VISÃO HIERÁRQUICA DO ENSINO SUPERIOR NA MEMÓRIA SOCIAL

Rio de Janeiro

2017

JOÃO VICTOR MENDES SOUZA

**ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA BIBLIOTECONOMIA NO
BRASIL: A VISÃO HIERÁRQUICA DO ENSINO SUPERIOR NA MEMÓRIA SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Biblioteconomia e
Gestão de Unidades de Informação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Biblioteconomia.

Orientador (a): Profa. Dra. Ana Senna

Coorientador (a): Prof. Dr. Renato Nunes Bittencourt

Rio de Janeiro

2017

JOÃO VICTOR MENDES SOUZA

**ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL:
A VISÃO HIERÁRQUICA DO ENSINO SUPERIOR NA MEMÓRIA SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Biblioteconomia e
Gestão de Unidades de Informação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 2017.

Profa. Dra. Ana Senna
Orientador (a)

Profa. Dra. Maria José Veloso da Costa Santos
Membro interno

Profa. Dra. Maria Irene da Fonseca e Sá
Membro interno

Dedico a meus pais, por terem sempre se esforçado para fornecerem o melhor a mim.

AGRADECIMENTOS

A todos que me incentivaram e prestaram o auxílio necessário para que eu pudesse concluir essa graduação, minha família, amigos, colegas e os professores que cumpriram seu papel de transmissores do conhecimento.

"Every day above ground is a good day."

RESUMO

Esta pesquisa aborda a representação social da Biblioteconomia na sociedade brasileira. Para realizar esse tema, foi elaborada a trajetória das bibliotecas no Brasil desde o período colonial, passando pela vinda da Biblioteca Real do Rei de Portugal, hoje Biblioteca Nacional, uma das mais importantes do mundo, assim como a criação da biblioteca pública, espaço da democratização da informação e do conhecimento. A narrativa segue com a fundação do curso de Biblioteconomia, espaço de formação de profissionais que atuam em diversas unidades informacionais. A base teórica desenvolvida sobre a representação social fundamentou-se em Serge Moscovici. A metodologia escolhida é a quali-quantitativa baseada em revisão bibliográfica, com abordagem descritiva e explicativa, tendo como coleta de dados questionários aplicados pelo *Google Forms*. O campo empírico do trabalho foi a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), especificado pelo Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG), tendo como informantes as seguintes categorias: alunos ativos do CBG, da Praia Vermelha; Professores do CBG, das unidades da Praia Vermelha e Cidade Universitária e bibliotecários do Sistema de Bibliotecas e Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SiBI). Assim, traçamos um panorama sobre a imagem representativa dessa área da Biblioteconomia no Brasil, apresentando dados estatísticos e análise das respostas. Concluimos, então, como uma ambiguidade nessas representações que seguem a própria realidade da Educação no Brasil.

Palavras-chave: Biblioteconomia-Brasil. Bibliotecários-Brasil. Representação social.

ABSTRACT

This research approaches the social representation of Librarianship in the Brazilian Society. In order to realize this theme we have went through the history of libraries in Brazil since the colonial period, going through the arrival of the Royal Library of the Portugal King, which is now the National Library, one of the most important ones in the world, as well as the beginning of the public libraries, a space meant for the democratization of information and knowledge. The narrative proceeds with the creation of the Librarianship course, meant for the formation of professionals who act on many informational units. The theoretic basis developed for social representation was grounded on Serge Moscovici. The chosen methodology is a quali-quantitative one, based on a literature review with a descriptive-explanatory approach, having forms applied through Google Docs as the chosen way for data-collecting. The empirical field of this paper was the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), specified by the course of Librarianship and Management of Information Units (CBG), having the following categories as informants: active CBG undergraduates based on the Praia Vermelha Campus; teachers of the CBG course from both Praia Vermelha and Cidade Universitária campus and librarians from the Library and Information Systems of the University of Rio de Janeiro (SiBI). As such, we drew a panorama about the representative image around this area of Librarianship in Brazil, presenting statistic data and an analysis of the answers. Therefore we conclude with an ambiguity in these representations, that follows the very reality of education in Brazil.

Keywords: Librarianship-Brazil. Librarians-Brazil. Social representation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E QUADROS

Gráfico 1 - "Você tinha Biblioteconomia em mente antes de realizar a prova do vestibular?"	38
Gráfico 2 - "Você conhece alguém que visava cursar Biblioteconomia antes de prestar o vestibular?"	39
Gráfico 3 - "A partir das disciplinas que você cursou, houve alguma mudança na sua visão em relação ao bibliotecário?"	40
Quadro 1 - "Por que a escolha da Biblioteconomia como profissão?"	41
Quadro 2 - "Como você se sente em relação a sua decisão?"	42
Quadro 3 - "Qual a posição de sua família e amigos em relação a sua escolha?"	43
Gráfico 4 - "Você considera que a Biblioteconomia é vista como um curso hierarquicamente inferior no contexto do ensino superior?"	45
Gráfico 5 - "Você cogitava, anteriormente, ser professor do curso de Biblioteconomia?"	46
Gráfico 6 - "Você já sofreu constrangimentos sobre sua escolha por parte de outrem?"	46
Gráfico 7 - "Você considera que a estrutura do curso de Biblioteconomia é democrática?"	47
Gráfico 8 - "O panorama dos atuais graduandos de Biblioteconomia é melhor do que os de sua época e/ou sua área?"	48
Gráfico 9 - "Você compreende o curso de Biblioteconomia como humanista ou tecnocrático?"	48
Gráfico 10 - "Você considera que a Biblioteconomia é vista como um curso hierarquicamente inferior no contexto do ensino superior?"	50
Gráfico 11 - "Você cogitava cursar Biblioteconomia antes de prestar vestibular?"	51
Gráfico 12 - "Você pode afirmar que sua turma pensava da mesma forma?"	52
Gráfico 13 - "Você já sofreu constrangimentos sobre sua escolha por parte de outrem?"	52
Gráfico 14 - "Você acha que sua profissão é devidamente reconhecida por profissionais de outras áreas?"	53

Gráfico 15 - "Você acredita que o panorama dos atuais graduandos de Biblioteconomia é melhor do que os de sua época?"	53
Gráfico 16 - "Você considera que a estrutura do curso de Biblioteconomia é democrática?"	54
Gráfico 17 - "Você compreende o curso de Biblioteconomia como humanista ou tecnocrático?"	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEBD	Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação
ALA	American Library Association
CBG	Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários
MEC	Ministério da Educação
SiBI	Sistema de Bibliotecas e Informação
SiSU	Sistema de Seleção Unificada
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMT	Universidade Federal do Mato Grosso
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	PROBLEMA.....	16
1.2	JUSTIFICATIVA.....	16
1.3	OBJETIVO GERAL.....	19
1.4	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	19
2	HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NO BRASIL.....	20
2.1	HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NO BRASIL COLÔNIA.....	20
2.2	A VINDA DA BIBLIOTECA REAL.....	23
2.3	A BIBLIOTECA PÚBLICA.....	24
2.4	A HISTÓRIA DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL.....	27
2.5	O BIBLIOTECÁRIO NO BRASIL.....	28
3	AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	30
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	34
4.1	ABORDAGEM E NÍVEL DE PESQUISA.....	34
4.2	CAMPO EMPÍRICO, POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	35
4.3	TÉCNICAS DE COLETA E DE ANÁLISE DE DADOS.....	36
5	LEVANTAMENTO DE DADOS DOS QUESTIONÁRIOS.....	37
5.1	ALUNOS.....	37
5.2	PROFESSORES.....	45
5.3	SiBI.....	50
6	CONSIDERAÇÕES.....	57
	REFERÊNCIAS.....	60
	APÊNDICE A - CONVITE AOS ALUNOS.....	66
	APÊNDICE B - CONVITE AOS PROFESSORES.....	67
	APÊNDICE C - CONVITE AOS BIBLIOTECÁRIOS DO SiBI.....	68
	APÊNDICE D - RESPOSTAS DAS PERGUNTAS ABERTAS AOS ALUNOS....	69
	APÊNDICE E - RESPOSTAS DAS PERGUNTAS ABERTAS AO CBG.....	76
	APÊNDICE F - RESPOSTAS DAS PERGUNTAS ABERTAS AO SiBI.....	78

1 INTRODUÇÃO

O curso de Biblioteconomia existe no Brasil há mais de cem anos, tendo iniciado sua história no Estado do Rio de Janeiro, região que até então era a capital administrativa e cultural do país. Desde então ele se ampliou, passando por diversas mudanças e readaptações em relação a seu ensino, suas ferramentas de trabalho e reconhecimento oficial, também tendo uma fase de proliferação onde várias escolas foram abertas em diferentes partes do território (MUELER, 1985, p. 5). Hoje em dia, o curso de Biblioteconomia está mais acessível à população brasileira do que nunca, e também com uma maior demanda no mercado, visto que o avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) aumentaram a necessidade de profissionais da informação. De acordo com Paiva *et al* (2017, p. 6), tais cursos estão "distribuídos pelos estados da federação, aos quais são oferecidos por instituições públicas (estaduais e federais) e privadas".

Entretanto, a despeito destes avanços, nota-se que, conforme aponta Silva no blog da Revista Biblio (2013, *online*), a Biblioteconomia está em "uma eterna luta pela afirmação e pela valorização". O autor também afirma que "mesmo sendo uma prática profissional milenar, a Biblioteconomia ainda vive no Brasil uma fase de afirmação enquanto profissão, sobretudo em virtude da ignorância em relação às práticas que envolvem a leitura e as práticas profissionais neste campo" (2013, *online*). "Mesmo configurando-se como uma tarefa milenar, o fazer bibliotecário parece ainda ser uma profissão desconhecida e pouco valorizada por alguns setores da sociedade" (PAIVA *et al*, 2017, p. 3). As afirmações dos autores se referem a diversos fatores que permeiam essa área do conhecimento, dos quais serão expostos neste trabalho.

Um desses entraves é o fato da Biblioteconomia ser pouco visada como opção para quem deseja embarcar em um curso de Ensino Superior. O número de vestibulandos que demonstram interesse em se graduar na área costuma ser baixo no caso de universidades que adotaram o Sistema Integrado de Seleção Única (SiSU) como processo de seleção, fazendo com que não haja muita concorrência e que os requerimentos de desempenho sejam menos exigentes em comparação a maioria dos outros cursos disponibilizados.

Na edição do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2013, as três menores notas de corte¹ no Brasil inteiro para bacharel em Biblioteconomia estiveram abaixo dos 600 pontos. O Ministério da Educação (MEC), órgão federal responsável pela gestão de assuntos ligados à educação, considera uma nota abaixo da pontuação supramencionada como sendo baixa. Mais recentemente, no processo seletivo de 2016, a menor foi para a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), no Campus Universitário de Rondonópolis, com apenas 572,54 pontos. Ainda no SiSU 2016, as vagas de ampla concorrência² das faculdades pelo Brasil inteiro obtiveram uma média de 640,12³, onde apenas a Universidade de Brasília e a Universidade Federal do Pará alcançaram notas de corte acima de 700 dentro de um máximo de 1000 pontos. No caso específico do Rio de Janeiro, nesse mesmo ano, a menor pontuação mínima foi para o curso fornecido pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), situado na Avenida Pasteur, com 635,86 pontos⁴. De acordo com a redação do Mundo Vestibular, "a nota de corte média para conseguir vaga na maioria dos cursos do SiSU é de 660 pontos" (2017, *online*).

Não obstante, nos levantamentos anuais que as universidades fazem a respeito dos números de candidatos e notas de corte para os cursos que oferecem, a Biblioteconomia costuma figurar entre as notas mais baixas. Por exemplo, no caso do vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) de 2016, ela foi a menor. Nesse mesmo ano, no campus de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP), o curso sequer tinha uma nota de corte porque havia mais vagas do que candidatos. Entretanto, essa realidade não se originou com o advento da adoção do SiSU. Em entrevista ao *Biblio* (PAULA, 2013b, *online*), a bibliotecária Cleyde Rosário afirmou que a pouca concorrência foi o motivo para sua escolha da área, como é visto no seguinte trecho:

¹ Pontuação mínima necessária para que um candidato possa ingressar em um curso.

² Vagas que não possuem nenhum reserva especial, e portanto são mais concorridas.

³ Resultado obtido através de cálculo do próprio autor, utilizando fórmula de média simples com base nos dados encontrados em Blog do Enem. Disponível em: <<https://blogdoenem.com.br/biblioteconomia-sisu-2016/>>. Acesso em: 7 nov. 2017.

⁴ Estes e outros dados referentes à menores notas de corte para Biblioteconomia na edição de 2016 do SiSU foram extraídos do site Quero Bolsa. Disponível em: <<https://querobolsa.com.br/sisu/notas-de-corte/cursos/biblioteconomia>>. Acesso em: 7 nov. 2017.

Após ser reprovada no vestibular para Jornalismo, Rosário saiu em busca de um curso menos concorrido. Segundo ela, 70% dos que escolheram o curso em sua época – no ano de 1990 – escolheram em função da baixa relação candidato/vaga no vestibular.

Moreno Barros (2012, *online*), em seu blog, faz uma reflexão em relação a dados que demonstram que houve um aumento na relação entre o número de candidatos e de vagas desde a adoção do SiSU como método único de ingresso por Universidades Federais. Ele cita:

A minha dúvida principal é saber se essa alta relação candidato vaga representa de fato um salto qualitativo dos alunos que ingressam nos cursos de biblio, ou se é exatamente o contrário, uma corrida a um curso que obviamente não é a primeira opção de nenhum vestibulando e por ter nota de corte baixa no SISU, abre espaço para muitos novos interessados.

Nesta citação, ele diz ser óbvio que a Biblioteconomia não é cobiçada por nenhum vestibulando. Tal assertiva, além de apresentar uma generalização, afirma que, no Brasil inteiro, predomina a visão de que a Biblioteconomia, com base em alguma prenoção, é uma área desinteressante. Esta possibilidade é reforçada pela já mencionada pouca concorrência para ingressar no curso.

Outro fato que reforça esta ideia é o desconhecimento que muitos dos leigos apresentam sobre a área. É extremamente comum, inclusive famosa entre os estudantes de Biblioteconomia, a situação de, ao serem indagados sobre qual é sua área de atuação e responderem à pergunta, serem recebidos com uma reação de estranheza em resposta ao nome. Em diversos portais na internet das mais variadas naturezas, é possível encontrar estudantes fazendo relatos e trocando experiências próprias relacionadas a este acontecimento, que ganhou infâmia no meio, tamanha a sua frequência. Um exemplo é uma postagem no blog "Uma Tal Xavier", mantido por Ana Paula Xavier, que afirmar que esta foi a pergunta mais recorrente durante os seus quatro anos de formação, quase sempre um retorno ao responder que cursava Biblioteconomia.

Paula (2008, *online*), então aluna de graduação em Biblioteconomia pela Universidade Estadual de Londrina, dá um outro exemplo em uma postagem feita no site *InfoHome*, intitulada "Biblio o quê?". Nela, ela diz:

"Biblio o quê?" É a primeira pergunta que muitos de nós ouvimos quando dizemos qual o curso que fazemos numa faculdade, ou mesmo quando ousamos dizer que é esta a nossa escolha para o vestibular. Com exceção de pessoas que sejam de uma família de bibliotecários ou que tenham convivido com pessoas que gostem de bibliotecas, ainda assim, acredito que também estes felizardos, com certeza (você, nós, seja lá quem for) também ouviram estas perguntas quando escolheram fazer este curso.

Mais adiante, nessa mesma postagem, a bibliotecária diz:

Por alguma razão dentre tantos outros cursos que as universidades oferecem, optamos por Biblioteconomia. E com certeza não foi por falta de avisos de que passaríamos por isto. Alguns podem arriscar o palpite de ser ingenuidade, ou interesse puro e verdadeiro em trabalhar em bibliotecas, ou mesmo teimosia; outros mais impacientes arriscam loucura; bom, têm alguns mais entusiastas que dizem ser uma profissão do futuro – frase esta proferida já tem algumas décadas... Há também alguns que pensam no fato de este curso em muitos casos, ser mais fácil de passar no vestibular e há aqueles que já se depararam com o salário que em alguns lugares é convidativo. Contudo, seja lá em qual circunstância psíquica, física ou financeira, um cidadão escolhe por cursar Biblioteconomia em alguma universidade pública ou privada, e se depara com essas perguntas, geralmente feita por indivíduos mais satisfeitos e orgulhosos de sua escolha.

São recorrentes também casos onde ocorre uma inquirição quase completa sobre a atuação da área e sobre a vida pessoal da pessoa a respeito das situações que a levaram a escolher este curso, demonstrando que a pessoa possui presunções da área que não correspondem à realidade. Conforme aponta Paiva et al (2013, p. 12), "ainda parece ser de senso comum a falsa ideia de que o curso de Biblioteconomia forma higienizadores e arrumadores de livros em bibliotecas, o que denota desconhecimento da profissão e de seus ambientes de atuação".

Desse modo, o cunho do trabalho é explorar o porquê desta realidade no Brasil, que afeta estudantes e profissionais da área e causa agruras que vão de inconvenientes, como situações de desconforto para discentes e docentes da área, a contrariedades no seu âmbito, como o sucateamento de unidades de informação e falta de profissionais qualificados.

1.1 PROBLEMA

Por que, no Brasil, aparentemente, predomina a desinformação a respeito do mercado, formação, atuações e áreas de trabalho da Biblioteconomia como um campo do conhecimento?

1.2 JUSTIFICATIVA

A motivação para o desenvolvimento desse trabalho surgiu da vontade de entender a causa dos constrangimentos e do sentimento de desvalorização experienciados como estudante de Biblioteconomia, que foram vividos numerosas vezes. Desde o ingresso no curso, percebeu-se que eram frequentes a repetição de determinadas reações por parte de outrem quando informadas a respeito dessa área de atuação. Não apenas isso, dentro do convívio e no ambiente extra-acadêmico, também notou-se que tais ocorridos não eram casos isolados, mas acontecimentos extremamente frequentes e bem conhecidos dentro da área. Observando a repetição desses fatos, reparou-se que eles quase sempre se originam de construções referentes às bibliotecas e a seus profissionais.

Observava-se que a primeira reação de estranhamento ocorria por conta do nome da área, o que deveria ser compreensível vindo de alguém que está ouvindo-o pela primeira vez. Entretanto, o que vinha depois era a surpresa quanto ao fato de existir um curso de ensino superior para a formação de profissionais para atuarem em bibliotecas. Parecia ser predominante a visão de que uma biblioteca era um recinto de administração simples, onde não seria necessária nenhuma formação específica por parte de seus mantenedores para sustentá-la. Também se reparava que o curso era associado à penúria, ligando-o a ideia de trabalhos que seriam pouco qualificados.

Ficava evidente que, entre os leigos, era comum a concepção de que se formar em Biblioteconomia é uma decisão que não trará retorno financeiro, fadada a levar a pessoa a uma realidade de empregos escassos e com baixa remuneração, por serem tarefas simples e que podem ser exercidas por qualquer um. Notou-se que é comum acreditar que a única função do bibliotecário é ser como um guarda da biblioteca, que

meramente vigia o ambiente e mantém a ordem no recinto, simplesmente atendendo ao usuário e organizando o acervo. Nessa visão, as tarefas do bibliotecário são extremamente simples, puramente manuais e não requerem nenhum investimento intelectual, podendo ser executadas por qualquer pessoa, independente de sua formação. Esse ponto de vista é extremamente degradante para bibliotecários, reduzindo todo o investimento posto no desenvolvimento intelectual e das habilidades a um desperdício de tempo.

Mais um ponto relevante foi identificar que muitos dos próprios alunos estavam incertos sobre essa área. Notou-se que, em mais de uma sala de aula, os estudantes que haviam ingressado na Biblioteconomia por legítimo interesse eram uma minoria, enquanto a maior parte estava a sondar a experiência, ainda a buscar no curso uma motivação para levá-lo até o fim. Esse fator é reforçado pelo fato do autor do presente trabalho ter passado por essa mesma experiência, tendo embarcado na área como uma nova tentativa profissional que ia muito além das expectativas quando se planejava prestar vestibular. Essa visão já foi completamente abandonada em virtude do maior aprofundamento nas habilitações necessárias e no seu papel na sociedade, que foram deixando claro o quanto ela estava errada e limitada, e a partir dessa mudança de visão surgiu o interesse de entender qual era sua origem.

Esse panorama pode ser justificado pela pouca procura que as bibliotecas têm no Brasil e do brasileiro, de um modo geral, não ser muito próximo do universo literário. Um levantamento feito pelo Instituto Pró-Livro em 2007 revelou que, no Brasil, a média de leitura de um indivíduo é de apenas 1,3 livro por ano. Em contraste, essa média é de 7 por ano na França, e 11 nos Estados Unidos. Mais recentemente, Xavier (2013, *online*) diz que o índice chega "a 2,1 livros inteiros por ano, conforme dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil de 2011." A relação entre essas estatísticas e o trabalho apresentado está no fato da Biblioteconomia ser a área da ciência voltada para formar profissionais especialistas em tipologias de bibliotecas. Desse modo, uma familiarização com as bibliotecas pode estar relacionada com a vontade de fazer este curso.

Vivendo afastado das Bibliotecas, é natural que uma grande parte da população não conheça bem a profissão e tenha ideias muito vagas a respeito de sua atuação.

Eggert (1996, p. 38) levanta entrevistas que evidenciam que a área é nebulosa até entre a parcela escolarizada da sociedade, e afirma que “a população de modo geral conhece pouco, pois a biblioteca e o bibliotecário não são prioridades para quem vive à margem da sociedade”. A bibliotecária (Sílvia Maria Fortes), em entrevista ao site *Biblioo*, disse:

Muitas instituições insistem em não contratar um profissional, julgando a biblioteca como uma parte menos importante da escola. Sempre pergunto para amigos e pessoas de meu convívio como é a biblioteca da escola de seus filhos e geralmente ouço que a escola não tem biblioteca, ou que tem uma salinha fechada aonde vão às vezes com a professora”. (PAULA, 2013, *online*)

Eggert (*apud* Vieira, 1977, [s.p.]) também diz:

Em um país em que grande parcela da população é constituída por analfabetos, inexplicavelmente a preparação de bibliotecários não aborda, de modo específico, a temática educacional e nem mesmo é dada ênfase à formação de pessoal especializado na promoção de programas de educação continuada através de bibliotecas públicas, urbanas ou rurais[...]

Além de trazer uma crítica ao currículo da Biblioteconomia, também se repara que a desigualdade no ensino pelo território brasileiro é tratada como um fator de influência. Sendo um problema social, convém refletir a respeito de modos para o alcance de instrução mais justa.

Estas visões do público externo apresentam consequências nos discentes do campo. Mey (2009, *online*) nota que os bibliotecários brasileiros, geralmente, têm vergonha de sua área de atuação, enquanto que no exterior este cenário não se repete, sendo a Biblioteconomia uma ciência com importância reconhecida e valorizada. Tal cenário é incompatível com o atual paradigma da sociedade da informação, onde a busca por fontes de informação fidedignas e busca pelo desenvolvimento de competências informacionais deveriam ser prioridades da população, a fim de poderem se adaptar a este novo fato. Isso traz outra motivação para o desenvolvimento dessa pesquisa, que foi o sentimento de incoerência trazido pelo número de candidatos à Biblioteconomia. Ter tão poucos interessados na vaga a ponto de não haver nenhuma concorrência para ingressar no curso em algumas faculdades era algo incompreensível.

Em vista do que foi mencionado, o presente trabalho tem como objeto buscar as razões que levaram à construção dessa realidade, objetivando compreender o problema e servir de insumo para, futuramente, trazer a mudança em que a Biblioteconomia seja reconhecida e mais procurada no Brasil.

1.3 OBJETIVO GERAL

Analisar, com base na visão de bibliotecários, professores e alunos da área, os possíveis motivos para os cursos de Biblioteconomia terem uma representação hierarquicamente inferior em relação a outras áreas do conhecimento nas universidades brasileiras.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) traçar um breve panorama sócio-histórico da Biblioteconomia e do Ensino de Biblioteconomia no Brasil;
- b) conceituar Representação Social;
- c) expor os vários campos de atuação do bibliotecário;
- d) desenvolver o conceito de representação social através do autor Moscovici, para elucidar a imagem que a disciplina Biblioteconomia e os bibliotecários possuem no Brasil.

A pesquisa será composta por autores da área da Biblioteconomia e da Representação Social, neste caso através de Serge Moscovici. Em um primeiro momento, serão feitas considerações sobre a história das bibliotecas no Brasil e suas tipologias: as bibliotecas em geral, o período colonial, a vinda da Biblioteca Nacional e o surgimento das bibliotecas públicas; em seguida, será apresentado o histórico do ensino da Biblioteconomia no Brasil até os dias atuais; logo em seguida serão feitas rápidas considerações sobre o profissional bibliotecário; e por fim, irá se definir o conceito de representação social.

2 HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NO BRASIL

Para se tratar da Biblioteconomia como área de conhecimento, é impreterível falar também da biblioteca como um todo, visto que seu objetivo é formar pessoal preparado para organizar e administrar esse espaço. De acordo com Russo (2010, p. 47), a *American Library Association* (ALA) é a responsável por uma das primeiras definições de Biblioteconomia, definindo-a como "a área voltada para a aplicação prática de princípios e normas da criação, organização e administração de bibliotecas". A mesma autora (2010, p. 47 *apud* BUONOCORE, 1963), no entanto, defende que é mais preciso denominá-la como "a área que se destina ao estudo dos princípios racionais para realizar, com a maior eficácia e o menor esforço possível, os fins específicos das bibliotecas".

Traçar a história das bibliotecas do Brasil também é essencial para o objetivo do trabalho, que é fazer uma reflexão a respeito de como se originou a atual construção social da área. De acordo com Vieira (2014, p. 2): "atualmente, biblioteca pode ser considerada como uma coleção de livros e outros suportes informacionais organizados de forma que atendam às necessidades informacionais de seus usuários".

Para se fazer um recorte histórico, as bibliotecas no Brasil terão a seguinte divisão: a história na época do Brasil Colônia, a chegada da Biblioteca Nacional e a Biblioteca Pública.

2.1. HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NO BRASIL COLÔNIA

É na época da colonização portuguesa, a primeira da história do Brasil pós-cabralino⁵, que se inicia a história das bibliotecas em seu território. Entretanto, seu começo efetivo se dá tardiamente em relação ao período da descoberta, sendo concomitante ao início efetivo da ocupação do território; tendo descoberto a nova terra em 1500, os portugueses não demonstraram interesse no Brasil por aproximadamente três décadas, limitando-se apenas a mandar expedições que visavam vigiar a costa e

⁵Termo usado para se referir ao período da história do Brasil que se iniciou após seu descobrimento por Pedro Álvares Cabral, em 1500.

coletar especiarias (BRASIL, 2017, *online*).

Nesse período, sabe-se muito pouco a respeito da posse de livros na mão de particulares, por ausência de registros históricos quanto a esse assunto (MORAES, 2006, p. 2). Entretanto, com base no perfil dos portugueses que eram enviados ao Brasil pelas expedições, pode-se inferir que deveria haver quase nenhum. Os enviados tinham um baixo nível de instrução, e o foco de seu trabalho era apenas lucrar para a metrópole explorando pau-brasil e estabelecendo lavouras, tarefa que não requiritava grande investimento intelectual. Além disso, eram raros os livros impressos, e o índice de analfabetismo em Portugal era alto. Porém, conforme afirma o mesmo autor (2006, p. 2), é provável que, mesmo sendo poucos, os livros deveriam estar presentes principalmente entre os eclesiásticos e magistrados.

Foi apenas no ano de 1530 que os colonos começaram a habitar o Brasil e a trazer parte de sua cultura para a nova colônia. Com o fim de otimizar a colonização do novo território, o primeiro modo de administração das novas terras implementado pela Coroa Portuguesa foi o das Capitânicas Hereditárias. Esse método consistia em dividir o território em várias faixas que partiam do litoral ao interior do Brasil, formando seções que seriam administradas pelos chamados Capitães Donatários, e passadas hereditariamente. Contudo, devido a diversos fatores, esse modelo se mostrou um fracasso, e para substituí-lo, foi implementado o Governo Geral, em 1549, que visava centralizar a administração da colônia. De acordo com Moraes (2006, p. 2), essa data marca o início da vida cultural e da instrução no Brasil, porque foi nela que ocorreu a chegada das ordens religiosas dos jesuítas, franciscanos, carmelitas e beneditinos, que abriram colégios nas capitânicas mais ricas da colônia. Conforme Russo (2010, p. 58), a Biblioteconomia começa a se fazer presente quando são fundadas as primeiras bibliotecas no País, oriundas das supramencionadas ordens religiosas. O autor também afirma que os conventos eram os únicos detentores de livros e os únicos capazes de instruir o povo. Essa afirmação é reforçada por Cunha (2000, p. 152), que diz:

Diferentemente da Espanha, que instalou universidades em suas colônias americanas já no século XVI, Portugal não só desincentivou como também proibiu que tais instituições fossem criadas no Brasil. No seu lugar, a metrópole concedia bolsas para que um certo número de filhos de colonos fossem estudar em Coimbra, assim como permitia que estabelecimentos escolares jesuítas oferecessem cursos superiores de Filosofia e Teologia.

O mesmo autor apresenta a seguinte justificativa para tal escolha:

Com a proibição da criação de universidades na colônia, Portugal pretendia impedir que os estudos universitários operassem como coadjuvantes de movimentos independentistas, especialmente a partir do século XVIII, quando o potencial revolucionário do Iluminismo fez-se sentir em vários pontos da América.

De acordo com Moraes (2006, p. 3), ao final do século XVI, já se notava uma relevante atividade literária em partes da colônia, mais especificamente nas regiões ricas do Norte do país, que eram Pernambuco e a Bahia. Isso era evidência do hábito de consultar livros em bibliotecas e artigos. Esta última, inclusive, era a sede do Governo Geral. O Rio de Janeiro era a exceção, sendo a única região aonde se tem notícia de vida intelectual que está localizada no sul. A economia do Brasil na época era baseada no comércio de açúcar, e as regiões supramencionadas eram as principais exportadoras.

Dentre as ordens religiosas que chegaram, a que mais se destacou foi a dos jesuítas da Companhia de Jesus⁶. Fundada em 1540, veio ao Brasil com o objetivo de catequizar os índios e os colonos, e de acordo com Moraes (2006, p. 3), "nenhuma ordem religiosa cumpriu essa missão com tantos resultados". Fundou ao todo 17 colégios em diversas capitanias, embora não tenha trazido um acervo numeroso o suficiente para suprir as necessidades de todos (MORAES, 2006, p. 3). Cunha (2000, p. 152) afirma que "os alunos eram filhos de funcionários públicos, de senhores de engenho, de criadores de gado, de artesãos e, no século XVIII, também de mineiros", ou seja, apenas pessoas de alto poder político e financeiro.

Os colégios dos jesuítas eram as detentoras das maiores bibliotecas nos primeiros anos do Brasil Colonial. Seu acervo, porém, não objetivava apenas formar sacerdotes ou ser utilizado apenas para uso pessoal. Os seus seminários e colégios se equiparavam a faculdades, fornecendo cursos de Filosofia e Teologia e sendo os responsáveis também pela alfabetização. Suas bibliotecas, entretanto, não eram abertas ao público, e era necessário solicitar o pedido competente para ter acesso ao

⁶ Ordem religiosa criada com o intuito de combater a Reforma Protestante na Europa. Visava, principalmente, a evangelização do povo.

acervo. Evidência disso, de acordo com Moraes (2006, p. 9), era a abundância de citações de autores ilustres nas obras literárias produzidas naquela época.

Mesmo sendo a ordem que possuía as bibliotecas mais conhecidas atualmente, por haver um número maior número de documentos a seu respeito, as outras ordens também exerceram um papel importante na instrução do povo brasileiro. Elas também possuíam bibliotecas anexadas aos seus conventos, e forneciam cursos de ensino superior (MORAES, 2006, p. 15). Outrossim, é bem provável que elas possuíam as mesmas restrições de acesso ao público que as dos jesuítas.

Como afirma Moraes (2006, p. 24) "[...]as bibliotecas conventuais foram, até a segunda metade do século XVIII, os centros de cultura e formação intelectual dos jovens brasileiros que iam completar seus estudos em Coimbra." O seu fim ocorreu gradativamente, iniciando no momento em que foi determinado por estadistas que os conventos não poderiam mais abrir novos conventos ou centro de ensino, o que começou a enlanguescer seu papel como centro de cultura e formação. Em 1835, uma circular pelo Governo Imperial decretou o fim das ordens religiosas no Brasil e, conseqüentemente, de seus conventos, que terminaram abandonados. A expulsão da Companhia de Jesus, no entanto, foi a que mais impactou as bibliotecas brasileiras, de acordo com Moraes (2006, p. 10). Ele afirma:

As bibliotecas sofreram um golpe terrível com a expulsão da Companhia de Jesus. Todos os seus bens foram confiscados, inclusive as bibliotecas. Livros retirados dos colégios ficariam amontoados em lugares impróprios, durante anos, enquanto se procedia ao inventário dos bens dos inicianos.

Eventualmente, estas foram abandonadas e grande parte do acervo foi perdido para o esquecimento e a deterioração com o tempo. A respeito de bibliotecas particulares, pouco se sabe sobre sua existência no período colonial, mas o movimento academicista da época evidencia que elas estavam mais concentradas nas partes mais prósperas da colônia.

2.2 A VINDA DA BIBLIOTECA REAL

De acordo com a definição de Vieira (2014, p. 22):

A Biblioteca Nacional de um país tem como principal finalidade a preservação da memória nacional e do patrimônio cultural através da coleção de todas as produções bibliográficas, documental e intelectual produzidas na nação de origem e também por autores internacionais que produzem textos que dizem respeito à nação, além do fomento à criação de bibliotecas públicas.

A Biblioteca Nacional brasileira tem suas origens na Biblioteca Real d'Ajuda, que se origina em Portugal. No início do século XIX, Portugal passava por grave crise política; sob ameaça de ter seu território invadido pelas tropas francesas lideradas por Napoleão Bonaparte, em razão de ter se recusado a aderir ao embargo proposto pelo cavaleiro ao comércio inglês, o príncipe regente de Portugal, Don João VI, transferiu a sede da monarquia para o Brasil. Em 1808 a família real chegou, trazendo com ela todas as riquezas que Portugal houvera acumulado, incluindo o imenso acervo de sua principal biblioteca.

É fundada oficialmente em 1810, sendo o pessoal nomeado como dirigente denominado como "prefeito ou encarregado do arranjo e conservação." Nesse primeiro momento, seu uso era facultado para estudiosos com consentimento régio, e apenas em 1814 ela foi aberta para a população (CASTRO, 2000, p. 45).

Em 1822, a Biblioteca Real ganha o atributo precursor do que hoje é a Lei do Depósito Legal: se torna obrigatório que ela receba pelo menos um exemplar de toda publicação produzida em território nacional, com o fim de assegurar a preservação e formação da Coleção Memória Nacional.

De acordo com Russo (2006, p. 58), a Biblioteca Nacional pode ser considerada a criadora da formação profissional em Biblioteconomia no Brasil. Foi nela onde foi criado o primeiro curso voltado para formar bibliotecários, que sofria fortes influências européias, mais especificamente o modelo humanista da *École Nationale des Chartes*, "contando com profissionais escritores, historiadores, literatos, pessoas cultas em geral" (RUSSO, 2006, p. 60).

2.3 A BIBLIOTECA PÚBLICA

A biblioteca pública pode ser compreendida pela definição de Vieira (2014, p. 4):

A biblioteca pública foi criada com a finalidade de atender às necessidades informacionais, de estudo, leitura complementar, consulta e recreação de toda a comunidade. Podem ser municipais, estaduais ou federais. Deve ser de caráter cultural, onde o usuário possa se autoeducar e dar continuidade a sua educação por meio de leituras e ações culturais promovidas pela biblioteca, além de socialização, onde os cidadãos da comunidade possa se encontrar para conversas, debates, trocas de ideias, criar, discutir problemas, matar curiosidades com espírito recreativo.

A primeira biblioteca com essas características no Brasil foi a Biblioteca Pública da Bahia (BPB), idealizada pelo rico senhor de engenho Pedro Gomes Ferrão de Castelo Branco e inaugurada em agosto de 1811. O seu berço reflete um aspecto da realidade sociocultural do Brasil na época: Salvador era uma capital onde havia um alto nível de letramento, inclusive sendo o berço das ciências no Brasil. Não apenas foram os soteropolitanos os fundadores de movimentos literários, conforme levanta Azevedo (2012, [s.p.] *apud* LESSA, 1946, p. 45), a apreensão dos bens dos envolvidos na Conjuração Baiana de 1798 revela que muitos destes possuíam livrarias particulares. Não obstante, vale ressaltar que foi nessa região onde a mais antiga biblioteca do Brasil foi estabelecida, a Biblioteca do Mosteiro de São Bento.

A iniciativa foi solidificada em um documento intitulado "*Plano para o estabelecimento de uma bibliotheca pública na cidade de Salvador, oferecido a aprovação do Sr. Conde dos Arcos, capitão general daquela capitania*". Nele, dizia-se:

Padece o Brazil, e particularmente essa Capital, a mais absoluta falta d'meios para entrarmos em relação de idéias com os Escriptos da Europa, e para se nos patentearem os thesouros do saber espalhados nas suas obras, sem as quaes nem se poderão conservar as ideias adquiridas, e muito menos promovidas a beneficio da sociedade.

Nota-se a presença de ideais iluministas na redação, devido ao fato do autor acreditar que o acesso da população à informação e o esclarecimento é o caminho para o progresso. O iluminismo era uma corrente de pensamento que acreditava na razão, esclarecimento e ciência como uma forma de se emancipar da chamada "Idade das Trevas", período da história da humanidade onde a sociedade era permeada pela ignorância, barbárie e a inquestionabilidade do discurso da Igreja. Ele objetivava quebrar a autoridade do discurso divino, que era propagada como a causa de todas as coisas, e buscar explicações científicas que levassem a um esclarecimento da

população e desenvolvimento da sociedade. Tais ideais iluministas chegavam ao Brasil, e mais especificamente em Salvador, através do grande número de estrangeiros formados nas universidades portuguesas, onde as obras de pensadores dessa corrente eram proeminentes.

Um outro trecho redigido por Castelo Branco evidencia seus fins com a abertura da Biblioteca:

É por meio das luzes e da verdade que a virtude se firma e que os direitos dos príncipes adquirem por bases a bênção do céu, amor dos povos e o respeito da posteridade. E que meio mais eficaz para a difusão das luzes que a imortal invenção da imprensa cujo uso acaba de ser-nos concedido! Contudo, para que ele nos seja útil, no atual estado deste país, são indispensáveis e muito urgentes outras providências. Padece o Brasil, e particularmente esta capital, a mais absoluta falta de meios para entrarmos em relação de ideias com os escritores da Europa, e para se nos patentearmos os tesouros do saber, espalhados nas suas obras, sem as quais nem se poderão conservar as ideias adquiridas, e muito menos promovê-las a benefício da sociedade.

A biblioteca seria mantida pelas contribuições desses que desejassem se subscrever a ela, estando limitado ao governo apenas a aprovação do projeto. Os fundos seriam utilizados para trazer de Londres "os periódicos de melhor reputação literária e de mais ampla instrução" (MORAES, 2006, p. 153). A ideia do estatista não apenas foi aprovada, mas também muito elogiada pelos chefes de governo. O empreendimento de Castelo Branco foi bem sucedido, e em pouco tempo a BPB obteve mais recursos e doações de livros do que se era esperado.

A próxima biblioteca pública a ser aberta no Brasil foi no Maranhão, e várias outras foram abertas em seguida. Entretanto, a despeito de terem sido criadas sob o arcabouço do ideal do conhecimento sendo de acesso a todos, a realidade, como a história mostra, é diferente. No seu início, o conceito de povo abrangia apenas a parcela que contava com o capital financeiro e autonomia jurídica para poder fazer parte dessa realidade. Atualmente, muitas bibliotecas no Rio apresentam a realidade de não receberem repasse de verbas do poder público, estarem sucateadas e com profissionais em desvio de função ocupando o cargo dos bibliotecários (PORTAL, 2017, *online*).

2.4 A HISTÓRIA DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

O marco fundador para a criação do ensino da Biblioteconomia do Brasil é atribuído à criação da Biblioteca Nacional (RUSSO, 2006, p. 59). O primeiro curso se iniciou em 1915, e tinha alta influência da *École Nationale des Chartes*, a primeira escola de Biblioteconomia no mundo. Ele apresentava uma característica humanista, o que significa que seu foco de ensino era mais preocupado com cultura geral e preservação do acervo. O nível de instrução e cultura para se poder ingressar no curso era bastante elevado:

Constavam do concurso provas sobre História Universal, Geografia, Literatura, Filosofia, Bibliografia, Iconografia, Classificação de Manuscritos e Línguas (traduções do Latim, Francês e Inglês). Como notado por Dias, "pela simples enumeração das disciplinas é fácil avaliar o grau de cultura humanística exigido aos candidatos" (MUELLER, 1985, p. 4).

O segundo curso surgiu em São Paulo, no Instituto Mackenzie, em 1929. Esse curso, por sua vez, sofria influência do modelo americano de ensino, o que fazia que o ensino de Biblioteconomia seguisse um modelo pragmático e de organização de biblioteca, que era resultado com a modernidade de ensino que o Mackenzie adotava (CASTRO, 2000, p. 65). Nesse período, havia uma dicotomia entre os que defendiam a abordagem humanista e os que defendiam a tecnicista.

Com o surgimento do currículo mínimo de 1962, no entanto, foi estabelecido que matérias que seguiam ambas as vertentes deveriam ser obrigatórias, evidenciando suas influências já estabelecidas no ensino dessa ciência no Brasil (PAIVA *et al*, 2017, p. 5). No período da expansão dos cursos superiores de Biblioteconomia no Brasil, este modelo se tornou o adotado por padrão, até mesmo com o surgimento do novo currículo de mínimo de 1982, que seguia o mesmo molde do anterior (PAIVA *et al*, 2017, p. 5). Esse processo se estendeu por décadas, e mais cada vez mais escolas eram abertas pelo país, descentralizando seu alcance à população.

O final da década de 50 até a década de 60 foram anos com vários acontecimentos marcantes para a profissão, com eventos que levaram à consolidação e regulamentação do exercício da profissão no Brasil. Esse período tange a definição

da Biblioteconomia como profissão liberal de nível superior⁷, a criação da Federação de Associações de Bibliotecários (FEBAB), criação da Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD), aprovação do primeiro currículo mínimo de graduação em Biblioteconomia⁸, regulamentação da Lei⁹ que ratifica a Biblioteconomia como profissão liberal, de técnica e de nível superior por decreto¹⁰, e a criação da Pós-Graduação em Biblioteconomia (CASTRO, 2000, p. 25).

Atualmente, a área está vivendo uma fase de crescimento dos cursos de pós-graduação. Entretanto, como fora exposto anteriormente neste trabalho, a procura por essa área é muito baixa e, como apontam Walter e Baptista (2009, p. 1), os alunos costumam apresentar educação básica frágil, e terem ingressado no curso apenas por interesse no diploma e pela baixa concorrência, ao invés de verdadeiro interesse de exercer a profissão.

2.5 O BIBLIOTECÁRIO NO BRASIL

Define-se bibliotecário como sendo o profissional voltado para atuar em bibliotecas. Na visão de Vieira (2014, p. 4):

Atualmente, o termo bibliotecário possui muitos sinônimos, devido à nova realidade que exige a modernização do profissional e, com isso, sua especialização o leva a utilizar novas denominações usadas para profissionais da área da informação como: agente de informação, profissional de conhecimento, trabalhador do conhecimento, bibliotecário, arquivista, gestor de informação, museólogo, analista de sistemas, comunicador e informático, etc.

Dessa forma, a profissão passou a ter um escopo mais abrangente em relação às mudanças oriundas do novo paradigma da sociedade da informação¹¹. Sua atuação é dinâmica e varia com base no contexto que permeia seu corpo social. Sendo o propósito da profissão servir a comunidade onde ele está inserido por meio do manejo

⁷ Portaria n.162/58

⁸ Decreto 550/62

⁹ Lei 4084/62

¹⁰ Decreto 56725/65

¹¹Atual paradigma técnico-econômico resultante do desenvolvimento técnico e disseminação dos meios de comunicação em massa, onde a informação flui em velocidades e quantidades exorbitantes.

da informação, é necessário que ele esteja sempre em sintonia com os objetivos, comportamentos, tendências e necessidades de seu público-alvo, criando a necessidade da atualização.

O bibliotecário assume um papel multidisciplinar a fim de acompanhar as necessidades e se manter em evidência no cenário mercadológico. Silva (2005, p. 9) também acrescenta:

Frente às novas tecnologias que surgem a cada dia, e com isso, o aumento das exigências pelos usuários dessas inovações, depara-se um profissional que precisa atender exigências que requerem qualidade e muita velocidade. Ter conhecimento dos mecanismos virtuais de busca da informação existentes atualmente tornou-se tão natural quanto saber a localização de um livro na estante de uma Biblioteca. Seja atuando no tratamento da informação que o próprio usuário irá pesquisar, ou mesmo no direcionamento do caminho para suas pesquisas, o Bibliotecário necessita compreender as necessidades que o usuário apresenta e ainda prever as conexões necessárias para orientá-los na busca de outras fontes.

Com base no exposto, fica evidente que o bibliotecário assumiu um papel de crucial importância na manutenção da sociedade. Estando a informação, agora, fluindo em quantidades e ritmos cada vez maiores, e sendo necessário um profissional que consiga ser um mediador e ache a informação mais relevante em meio à desordem, o papel do bibliotecário está mais em evidência do que nunca. Dentre suas possíveis áreas de atuação, podemos citar a área jurídica, a escolar, a área médica, a de processos técnicos, consultor, na área de música, entre outras.

Diante dessas exigências, algumas universidades que oferecem o curso de Biblioteconomia vêm inovando em seus programas, oferecendo disciplinas que vão ao encontro das novas tecnologias de comunicação e informação, sobretudo, na área de gestão. Um exemplo é a Universidade Federal do Rio de Janeiro, que criou o curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, onde prevê disciplina ligadas à área da administração desde o primeiro período até o final, pensado, justamente, nas novas demandas do mercado de trabalho e da sociedade e, conseqüentemente, nos novos perfis do profissional da informação, dentre os quais estão a gestão.

3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A teoria das representações sociais de Serge Moscovici foi trabalhado com base no conceito de "representação coletiva" do sociólogo Émilie Durkheim, que desenvolveu esse termo pensando na elaboração de uma teoria sobre a religião, a magia e o pensamento mítico. Ele argumentava que tais fenômenos não podem ser explicados em termo de indivíduo, pois uma única pessoa é incapaz de inventar algo com um alcance social tão amplo como uma língua ou uma religião, mas ao invés são produtos de uma comunidade ou de um povo (ALEXANDRE, 2004, p. 123). Conforme põe Crusoé (2004, p. 106), Durkheim diferenciava as representações individuais das coletivas, separando-as, respectivamente, como objeto de estudo da psicologia e da sociologia. A justificativa para tal seria que ambas eram regidas por leis diferentes, sendo um oriundo de uma consciência individual enquanto outro era resultado da consciência coletiva, e portanto não se pode usar uma perspectiva individual para entender os fatos sociais. Ainda de acordo com a mesma autora (MOSCOVICI, 1978, p. 25 *apud* Crusoé, p. 106), para ele "o pensamento individual seria um fenômeno puramente psíquico, mas que não se reduziria à atividade cerebral, e o pensamento social não se resumiria à soma dos pensamentos individuais".

O conceito de representação coletiva se refere aos símbolos ou imagens que possuem um significado único dentro do contexto de um grupo social, sendo um modo de ajudar os seus membros a atribuir significados ao mundo que os rodeia e a guiar suas interações. Durkheim argumentava que "as teorias básicas do pensamento teriam origem na sociedade, e que o conhecimento só poderia ser encontrado na experiência social, ou seja, a vida social seria a condição de todo pensamento organizado e vice-versa" (ALEXANDRE, 2004, p. 130-131). Chegou a esse conceito durante sua análise da religião "como um fenômeno social, e não como uma escolha da consciência individual" (OLIVEIRA, 2012, p. 69), análise esta que foi expressa em sua obra "*Les formes élémentaires de la vie religieuse*", de 1912. Para ele, a religião seria o alicerce para uma sociedade funcional, sendo a base para as relações sociais e de trabalho, e as representações coletivas seriam o modo de manter uma sociedade unida. "A experiência religiosa no decorrer da história produz um saber que contribui para a

construção do processo civilizatório. As representações sociais produzidas por grupos sociais interferem nas maneiras de agir desses grupos" (BITUN; SOUZA NETO, 2012, p. 67). Um exemplo de representação coletiva, no contexto da religião, é a cruz, que é um símbolo com significação única entre os Cristãos. Como aponta Oliveira (2012, p. 69):

O fenômeno religioso, escreveu, apresenta-se como um conjunto socialmente definido de prescrições de caráter obrigatório e também como um "sistema de representações". Em outras palavras, trata-se de fenômeno de alguma forma mental, definido na ordem da sociedade. Diante dele, as consciências individuais, sob pena de sanções, devem dobrar-se.

Com base nessa premissa, Serge Moscovici retomou o conceito de Durkheim e o trouxe da Sociologia para sua área, a Psicologia Social, e desenvolveu a teoria das Representações Sociais. O trabalho do francês, como diz Crusoé (2004, p. 106), "foi crucial para que Moscovici buscasse na Sociologia um contraponto para a perspectiva individualista da psicologia social, tão presente na psicologia social da América do Norte." De acordo com Gama, Santos e Fofonca (2012, *online*), sua teoria emanou das Teoria das Representações Coletivas da seguinte forma:

O conceito de Moscovici nasce da releitura crítica feita sobre as noções de representação coletiva da teoria funcional de Durkheim, uma vez que, para o psicólogo francês, as representações coletivas são por demais abrangentes para darem conta da produção do pensamento na sociedade na atualidade.

Outros trabalhos que também contribuíram para seu desenvolvimento, de acordo com Alexandre (2004, p. 124), foram os de Lucien Lévi-Bruhl na Antropologia, a teoria da linguagem de Ferdinand Saussure, a teoria das representações infantis de Jean Piaget e a teoria do desenvolvimento cultural de Levy Vygotsky.

A teoria foi exposta na sua obra intitulada "*Psychanalyse: son image et son public*", que foi publicada no Brasil com o título "A representação social da psicanálise". Nela, o autor tenta compreender a maneira como a Psicanálise, ao sair de seu ambiente fechado de especialistas e estudiosos para os grupos populares, adquire uma nova significação ao mesmo tempo que modifica o modo como as pessoas entendem a si mesmas e ao mundo em que vivem. Na observância de seus resultados,

ele observou que, "ao objetivar o conteúdo científico da Psicanálise, a sociedade já não se situa com vistas à Psicanálise ou aos psicanalistas, mas em relação a uma série de fenômenos que ela toma a liberdade de tratar como muito bem entende" (MOSCOVICI, 1978, p. 112 *apud* CRUSOÉ, 2004, p. 107). A escolha por essa área se justifica no fato de ser uma área de ampla divulgação nos Estados Unidos e na Europa, o que significaria que a amostra possuiria um nível de informação apropriado para elaborar opiniões e representações sociais (ALEXANDRE, 2004, p. 132). Pelo menos no caso específico da Psicanálise, ele elabora a tese que

o fenômeno da absorção da ciência pelo senso comum, através da comunicação e da linguagem, não é, como se crê, uma vulgarização das partes de uma disciplina, mas sim a formação de um outro tipo de conhecimento, adaptado a outras necessidades e obedecendo a outros critérios, num determinado contexto. (MOUSSATCHÉ, 1994, p. 187)

O trabalho de Moscovici tinha como fito emancipar a Psicologia Social da perspectiva individualista que predominava entre os outros teóricos norte-americanos da área, ou seja, a separação entre o processo de assimilação do ser e do ambiente. De seu ponto de vista, a Psicologia Social tem que se interessar pela cognição social, ou seja, pela criação das representações consensuais do universo pelo homem. (ALEXANDRE, 2004, p. 132). Ele busca desvendar como ocorre a absorção do novo, tentando descobrir quais são os processos que fazem com que novos conhecimentos sejam absorvidos, de modo a criar um pensamento que compõem um universo consensual dentro de determinado grupo. Defendia que, ao invés de simplesmente herdar conhecimentos das gerações anteriores, que assumiam uma forma determinista e imutável, o sujeito também tem a autonomia para influenciar a criação do pensamento que moldam sua realidade. Desse modo, constituía conhecimento comum que era propagada dentro deste ciclo e permitia que os indivíduos comunicassem entre si.

Em vista disso, representações sociais são "um conjunto de conceitos, frases e explicações originadas na vida diária durante o curso das comunicações interpessoais" (MOSCOVICI, 1981, p. 181 *apud* ALEXANDRE, p. 131, 2004). São formas de conhecimento criadas no cognitivo que são compartilhadas e amplamente aceitas por uma população, amplamente difundidas e que exercem uma função comum dentro de

uma sociedade. Além da elaboração de conceitos, Moscovici diz que as representações sociais, também, tem a função de moldar comportamentos, não apenas no sentido de ditar condutas como na de modificar o ambiente em que estas ocorrerão.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção é dedicada a apresentar os procedimentos que foram utilizados para a realização do trabalho. Por se tratar de uma pesquisa social, é importante que as etapas estejam bem segmentadas e definidas, tanto para o fim de possibilitar que os resultados possam ser alcançados quanto para que estes possam posteriormente ser entendidos e assimilados. Metodologia consiste nas regras que são estabelecidas para o método científico, ou seja, o conjunto de regras e procedimentos que são utilizados para alcançar um determinado fim ou objetivo (RICHARDSON, 1999, p. 22). Dessa forma, ela será apresentada quanto a sua abordagem e o nível da pesquisa, o campo empírico, a população e a amostra selecionada e suas técnicas de coleta e análise de dados.

4.1 ABORDAGEM E NÍVEL DE PESQUISA

O presente trabalho se caracteriza por ser uma pesquisa do tipo explicativo, que, de acordo com Richardson (1999, p. 66), é definido como uma que deseja analisar, interpretar e identificar as causas ou consequências de um fenômeno. Quanto à abordagem, de acordo com o mesmo autor (1999, p. 70), ela pode ser dividida em dois tipos: a qualitativa e a quantitativa. Ele define:

Esses métodos se diferenciam não só pela sistemática pertinente a cada um deles, mas sobretudo pela forma de abordagem do problema. Com isso, faz-se necessário enfatizar que o método precisa estar apropriado ao tipo de estudo que se deseja realizar, mas é a natureza do problema ou seu nível de aprofundamento que, de fato, determina a escolha do método.

O método quantitativo se caracteriza por, como seu próprio nome indica, quantificar os métodos de coleta de dados, assim como o tratamento das informações adquiridas. Tem a qualidade de ser exato quanto à apresentação de seus resultados, evitando distorções na sua interpretação e, conseqüentemente, dando mais segurança às inferências que partem dele. Por conta disso, é frequentemente utilizado em pesquisas do tipo descritivo, por ser um método eficiente de investigar as relações de causalidade entre fenômenos dentro de uma situação específica. Como aponta

Richardson (1999, p. 70-71), "pode ser usado para abordar aspectos amplos de uma sociedade".

Já o método qualitativo se difere do quantitativo por não utilizar instrumentos estatísticos para analisar as causas de um problema, o que resulta em respostas que não apresentam uma homogeneidade em sua interpretação. Ela não objetiva numerar em dados mensuráveis, tendo como marcar um caráter subjetivo a respeito do objeto do estudo.

Esse método de pesquisa, "(...) além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social." (RICHARDSON, 1999, p. 79). Isso se justifica por ser um modo que possibilita um maior aprofundamento nos elementos de um problema, visto que quantificar resultados limita a coleta de dados e, portanto, empobrece os resultados.

Em vista do exposto, o presente trabalho é caracterizado por ser um híbrido desses dois métodos de abordagem, por simultaneamente utilizar de métodos estatísticos de análises de dados tal como subjetivar sua avaliação crítica.

4.2 CAMPO EMPÍRICO, POPULAÇÃO E AMOSTRA

O campo empírico da pesquisa consiste na unidade da Praia Vermelha da UFRJ, o SiBI (Sistema de Bibliotecas e Informação) e o CBG (Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação). O motivo da escolha foi a proximidade física com o campus de atuação dos pesquisados, além da pouca distância física entre estes. Também considerou-se que a escolha iria suprir dados suficientes para uma análise significativa.

O fito do trabalho é entender a natureza de um fenômeno social e compreender e interpretar determinados comportamentos de um grupo de indivíduos. Levando em consideração que os pormenores por trás da maneira que a população estudada interpreta informações são intraduzíveis para dados matemáticos, escolhemos a abordagem da pesquisa qualitativa, onde será feito um retrato da amostra analisada. Quanto ao seu objetivo, ela será descritiva/explicativa, por querer criar mais

familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito e criar hipóteses futuras.

4.3 TÉCNICAS DE COLETA E DE ANÁLISE DE DADOS

Para se reunir os dados que irão compor esse trabalho, foi se utilizado uma revisão bibliográfica da área da Biblioteconomia e das representações sociais.

No campo empírico, utilizou-se a ferramenta *online* gratuita *Formulários Google*, também conhecida como *Google Forms*, para coletar os dados. Sua escolha se deveu ao fato de ser um modo prático de se comunicar com os pesquisados, em razão de permitir que este seja enviado a diversos vários e-mails simultaneamente, por ser prático de preencher, poupando o tempo dos entrevistados, e também por automaticamente calcular os dados e produzir gráficos, assim se mostrando um modo bastante eficiente de coleta.

Foram enviados três formulários diferentes, contendo questões formuladas com base no perfil dos grupos que seriam entrevistados: os alunos, professores e bibliotecários do SiBl receberam questionários diferentes de cada, com perguntas que se encaixavam em seu perfil e nível de aprofundamento com a Biblioteconomia. Cada grupo também recebeu uma carta de convite específica, que garantia a privacidade, a segurança, e a possibilidade de desistência em qualquer momento. As perguntas eram misturadas entre abertas e fechadas, e em todos os casos elas giravam em torno de experiências do passado em relação à Biblioteconomia.

5 LEVANTAMENTO DE DADOS DOS QUESTIONÁRIOS

O formulário foi aplicado com o objetivo de recolher dados referentes a experiências pessoais de pessoas ligadas à Biblioteconomia. Dessa forma, poderia se adquirir informações referentes às representações sociais do curso. O perfil dos escolhidos, como já foi explicitado anteriormente neste trabalho, foi dividido em três categorias: alunos que ainda estão no processo de graduação em bacharel, que neste caso se restringiu somente aos alunos ativos da UFRJ do campus Praia Vermelha; os professores dos referidos alunos, sendo formados nesta área ou não, com a única particularidade de terem vínculo com o CBG e, por fim, bibliotecários que trabalham no SiBI. Não houve interesse em obter informações relativas a sexo, idade, escolaridade ou qualquer outro tipo de descrição a respeito dos entrevistados. A ordem das perguntas não é relevante para seu desenvolvimento, seu preenchimento e nem para suas interpretações, e portanto suas respostas serão divididas quanto sua tipologia: abertas primeiro e fechadas depois.

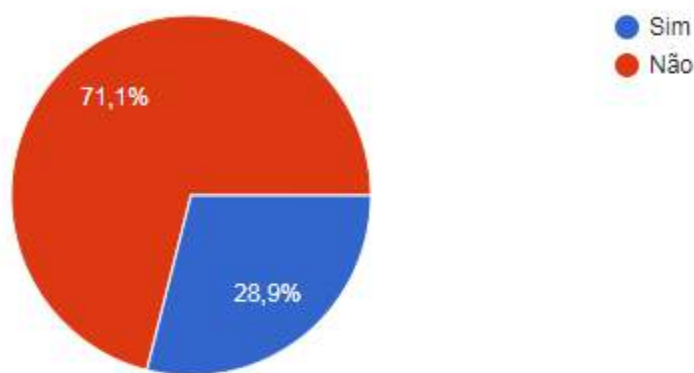
5.1 ALUNOS

Os questionários dos alunos eram compostos por um total de 8 questões, sendo 5 abertas e 3 fechadas. Um total de 38 discentes que iam do segundo ao oitavo período, colaboraram com a pesquisa. Em vista das questões fechadas poderem ser quantificadas, serão utilizados gráficos que são automaticamente produzidos pela própria ferramenta de coleta para apresentar seus resultados em forma de porcentagem. Em relação às questões abertas, viu-se que algumas delas apresentavam semelhanças entre si de uma maneira que seria possível organizá-las em pequenos grupos. Desse modo, elas serão apresentadas em tabelas cujas linhas foram nomeadas com sua principal característica em comum, seguidas por uma coluna que apresenta o número de respostas pertencentes a tal grupo, e pelo menos 3 respostas dos próprios entrevistados que foram consideradas como mais pertinentes para cada um.

A primeira pergunta fechada tinha o objetivo de saber a quantidade de alunos

que haviam premeditado estar no curso de Biblioteconomia, e quantos seguiram essa vertente em vista de circunstâncias que fugiam do esperado. Esta pergunta se dava por razão de, como se foi explicitado anteriormente, acreditar-se que uma boa parcela dos alunos de Biblioteconomia não tenha tido tal curso como primeira opção, e dessa forma tendo se aproveitado do fato de sua nota ter sido o suficiente para entrar por conta de sua baixa concorrência.

Gráfico 1 - "Você tinha Biblioteconomia em mente antes de realizar a prova do vestibular?"

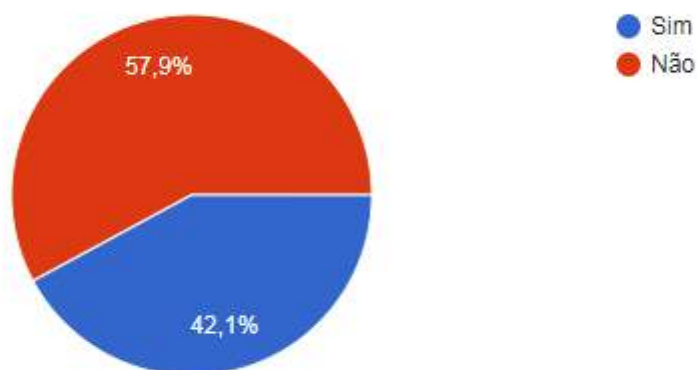


Fonte: Dados de pesquisa

Os resultados mostram que, de fato, muitos dos alunos de Biblioteconomia dentro da amostra (27 de 38) não haviam planejado seguir a carreira que agora estão a seguir. As razões para esse desvio podem variar, mas em vista da UFRJ ser uma universidade que utiliza o SiSU como meio de admissão, onde a mesma pontuação obtida no ENEM é aplicada para todos os cursos fornecidos, pode-se concluir que tal ocorrência se dá pelo fato da Biblioteconomia ter uma nota de corte baixa. Querendo se aproveitar da ocasião da nota suficiente para se ingressar nela estar abaixo da maioria dos cursos, a Biblioteconomia vira uma alternativa para se pelo menos ingressar em uma universidade pública. Isso é mais explorado mais adiante neste trabalho.

A próxima questão é uma extensão da primeira, visando atingir um campo um pouco mais além da UFRJ. Agora se visa aplicar a mesma porcentagem na zona de convívio dos entrevistados, que abrange uma população muito mais ampla do que apenas os discentes da universidade.

Gráfico 2: "Você conhece alguém que visava cursar Biblioteconomia antes de prestar o vestibular?"

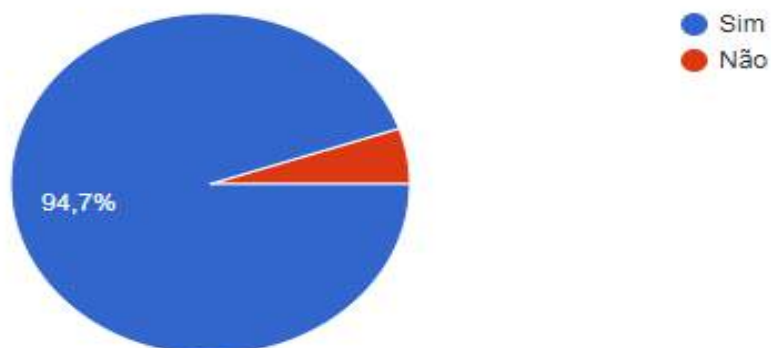


Fonte: Dados de pesquisa

Dentre os 38 que responderam, 22 não tem nenhum conhecido que já tenha ao menos manifestado um interesse em se tornar um bibliotecário. Dentro dessa amostra, entretanto, não se pode inferir se essa falta de manifestação está relacionada ao simples desconhecimento da existência dessa ciência ou é uma expressa falta de vontade.

A última pergunta fechada objetivava descobrir se, ao vivenciar o curso, houve alguma mudança em relação à representação que os alunos tinham da Biblioteconomia e sua atuação.

Gráfico 3 - "A partir das disciplinas que você cursou, houve alguma mudança na sua visão em relação ao bibliotecário?"



Fonte: Dados de pesquisa

Os resultados apresentados evidenciam que cursar Biblioteconomia e se aprofundar nas suas especificidades de fato provoca uma alteração em relação às construções que haviam sido desenvolvidas fora da área. Desse modo, infere-se que a representação social construída dessa área não apresenta muitas semelhanças com sua realidade, visto que há muito divergência entre as visões de leigos e as de conhecedores.

Em seguida, serão apresentadas as interpretações dos resultados das questões abertas.

Quadro 1: "Por que a escolha da Biblioteconomia como profissão?"

	Número de respostas	Respostas
Por interesse profissional	7	"Pela experiência na prática e por ser uma profissão promissora." "Pela extensão da interdisciplinaridade do curso e das possibilidades do mercado de trabalho." "Escolhi especificamente o curso do CBG por achar que viria somar à minha experiência na área administrativa, seguindo ao encontro da minha recente formação como <i>Personal Organizer</i> ."
Interesse na área	22	"Pois sempre gostei de bibliotecas e pelo gosto de ler." "Como uma oportunidade de me encontrar dentro de uma profissão diferente de outras" "Porque quero abrir uma Biblioteca Comunitária."
Acaso	9	"Na verdade foi mais um acaso do que uma escolha. Com o passar do tempo passei a conhecer e me identificar com essa área que antes era tão desconhecida." "Pra ser sincera, não escolhi "de cara" e sim porque minha nota permitia entrar e cheguei a pesquisar sobre a área e a princípio, me identifiquei." "Como disse abaixo, não conhecia o curso previamente. Escolhi porque vi boas perspectivas e me interessei tanto pela parte relacionada a tecnologia quanto pelas atividades mais tradicionais."

Fonte: O autor

A expressiva maioria dos entrevistados tinha interesse pessoal nas possibilidades existentes na Biblioteconomia. Essas variavam entre uma afinidade prévia com livros, um potencial para realização pessoal, influência de terceiros, reconhecimento da importância social do bibliotecário ou projetos idealizados. Uma outra forma de interesse, que no caso foi a menos presente, era a vontade de cursar por alguma relação com sua área profissional. Neste caso, as expectativas para o

mercado de trabalho e a relação com alguma formação anterior justificavam a decisão que havia sido tomada.

Já a segunda maior parte admitiu estar cursando Biblioteconomia apenas pelo acaso. Alguns diziam que, na verdade, não foi uma questão de escolha, mas sim de pontuação, insinuando que sua nota não era suficiente para ingressar em mais nenhum curso pelo SiSU. Uma resposta em particular dizia que tinha interesse apenas em pedir transferência para outro curso por equivalência de matérias. Entretanto, mesmo dentro desse grupo, uma parcela considerável de alunos afirmou em seguida ter se sentido satisfeito e realizado com a faculdade que até então desconhecia. Essa questão, inclusive, é tratada na próxima pergunta.

Quadro 2: "Como você se sente em relação a sua decisão? "

	Número de respostas	Respostas
Satisfeito	32	"Estou feliz, gostando muito do curso". "Feliz, pois sei que acertei em minha decisão." "Feliz e realizada, cada dia que passa tenho mais certeza que escolhi o curso certo."
Inseguro	2	"Inseguro por conta de poucas vagas no mercado de trabalho e da pouca valorização do profissional." "Às vezes fico em dúvida, bate uma insegurança sobre se fiz a escolha certa (...)"
Insatisfeito	3	"Ainda confusa." "Gostaria de fazer outro curso." "Não era o que eu queria mas é melhor que nada."
Sem opinião	1	"Ainda não tenho uma opinião sobre isso."

Fonte: O autor

A grande maioria dos informantes diz estar gostando dos efeitos de sua decisão,

a despeito dos resultados das questões anteriores. Os que afirmam estarem inseguros dizem que isso se deve a fatores como o mercado de trabalho e uma certa falta de familiaridade com a vertente que a UFRJ toma. Apenas 3 alegaram não estarem contentes, que é uma quantidade pequena comparada com o tamanho da amostra.

Os próximos dados a serem analisados se referem às reações externas por parte de pessoas que possuem algum tipo de laço afetivo com os discentes.

Quadro 3: "Qual a posição de sua família e amigos em relação a sua escolha? "

	Número de respostas	Respostas
Apóiam	28	"Apoiaram em experimentar um novo caminho." "Plena satisfação." "Todos estão bem com a minha escolha, ficaram felizes por eu ter passado no ENEM."
Repreendem	4	"Acham que eu deveria fazer outro curso". "É positiva, mas há preocupação." "Não questionam, mas acreditam que poderia conseguir um 'curso melhor'."
Desconhecem a área	3	"Eles nem sabem o que é Biblioteconomia". "Não entendem muito bem sobre o curso". "Eles nem tem noção do que seja o curso, falta divulgação no Brasil."
Não se sabe	3	"Não me interessa." "Se abstém." "Diria que é normal. Nunca fui questionada por isso."

Fonte: O autor

Mais uma vez, os dados indicam que as reações majoritariamente foram positivas. Entretanto, houve uma quantidade considerável de respostas que expressam negatividade em relação à Biblioteconomia. Houve um caso em que o informante

relatava que a reação inicial foi de represália, tendo depois se transformado em apoio quando se fizeram saber mais sobre a área. Este foi contabilizado no grupo de repreensão, por sua manifestação inicial poder ser uma evidência da representação social inalterada da Biblioteconomia.

Em seguida, foi perguntado qual era a representação que os informantes tinham em relação ao Bibliotecário com a sociedade. Ela objetivava obter noções referentes a como essa autoimagem foi moldada com base no convívio dos alunos com a disciplina. As respostas foram bastante variadas, de um modo que não se achou possível organizá-las em uma quantidade de grupos que tornaria prática a demonstração por tabelas, da mesma forma que havia sido feito nas questões anteriores. Desse modo, pensou-se que discuti-las de maneira corrente seria um modo mais vantajoso de apresentá-las.

Os informadores, em sua grande maioria, exaltavam o papel do papel do Bibliotecário e sua responsabilidade social. Duas respostas em particular foram taxativas em seu parecer, ao dizerem apenas que o bibliotecário é importante. Uma outra complementou a mesma ideia, ao dizer apenas "nós formamos a sociedade".

As outras respostas foram mais elaboradas, dizendo principalmente que o bibliotecário é o profissional capacitado para trabalhar com a informação, e que ele é o mediador entre ela e sociedade, sendo seu disseminador e facilitador. Era enaltecida também a importância que ele tem no desenvolvimento da capacidade de pensamento crítico e do conhecimento dentro dos cidadãos.

Apenas duas respostas não prestigiavam a profissão. Uma delas dizia "alguém chato e velho". Outra, "apenas uma pessoa dentro de uma biblioteca". Um dos alunos escreveu "Confesso que carregava um pouco do estereótipo da velhinha de óculos, mas agora vejo que a função do bibliotecário é muito importante".

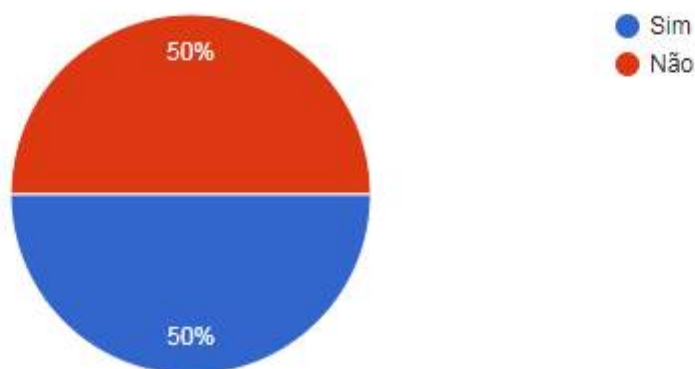
Uma resposta específica alegou que a representação social do bibliotecário "ainda é aquela visão retrógrada do mero guardador de livros", mas que "isto está sendo desconstruído aos poucos". Depois, reconheceu sua relevância "para o desenvolvimento social, político e econômico do país".

5.2 PROFESSORES

O questionário enviado aos professores continha 8 perguntas ao todo, sendo 7 fechadas e 1 aberta. Um total de 12 docentes responderam. As perguntas selecionadas seguem a mesma vertente das que foram apresentadas aos alunos, mas com adaptações em vista da experiência e da instrução necessárias para exercer o cargo de professor em uma instituição de ensino público superior.

A primeira pergunta, a respeito da representação que a sociedade tem da Biblioteconomia do ponto de vista dos professores, teve um resultado equilibrado.

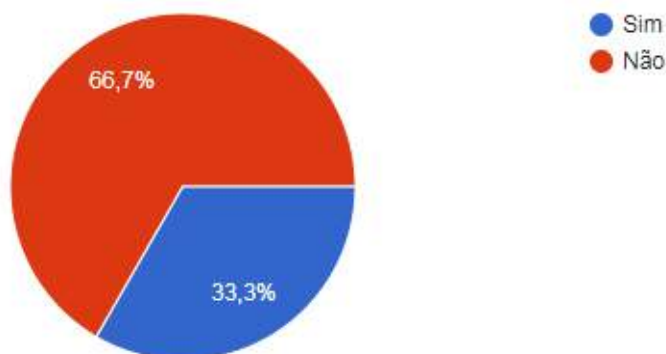
Gráfico 4 - "Você considera que a Biblioteconomia é vista como um curso hierarquicamente inferior no contexto do ensino superior?"



Fonte: Dados de pesquisa

Trazendo para a área dos professores, perguntou-se também se foi um imprevisto que os fez se tornarem docentes dessa área, apesar de ser evidente que os motivos para tal devem diferenciar do mesmo caso para os alunos. Considerando que os professores vinham de formações acadêmicas variadas, não se pode chegar a grandes conclusões com esse resultado. Além do mais, é provável que, mesmo entre os bibliotecários, eles tenham levado em conta o fato de que não haviam cogitado virar professor especificamente, ao invés de simplesmente escolher a Biblioteconomia.

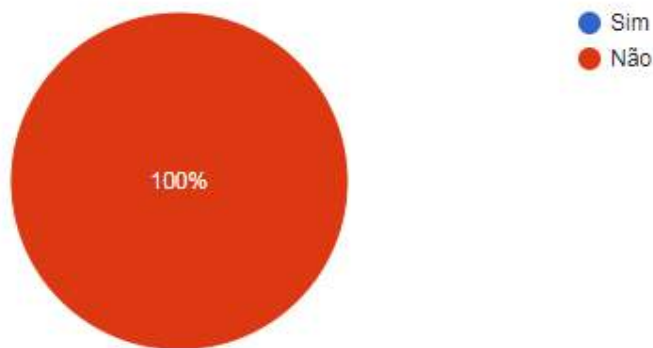
Gráfico 5 - "Você cogitava, anteriormente, ser professor do curso de Biblioteconomia?"



Fonte: Dados de pesquisa

Surpreendentemente, a próxima pergunta teve um resultado unânime, a única ocorrência dentre todos os questionários. Em vista do referido cargo ser o de professor de uma universidade federal, cargo que requer alto nível de instrução, é compreensível que o porquê de nenhum caso de constrangimento ter sido relatado dentro dessa classe tenha relação direta com os níveis de atividade acadêmica, intrínseco a contato com bibliotecas.

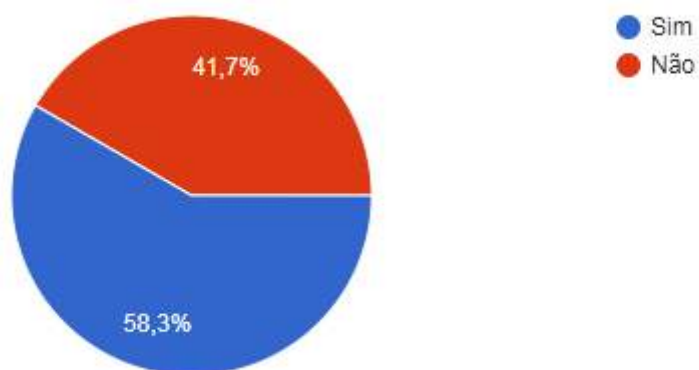
Gráfico 6 - "Você já sofreu constrangimentos sobre sua escolha por parte de outrem?"



Fonte: Dados de pesquisa

A maioria dos professores que participaram da pesquisa, no entanto, concordam que a estrutura do curso não é tão excludente quanto costumava ser. Uma parcela um pouco maior concordou que a sua estrutura é mais acessível do que historicamente foi.

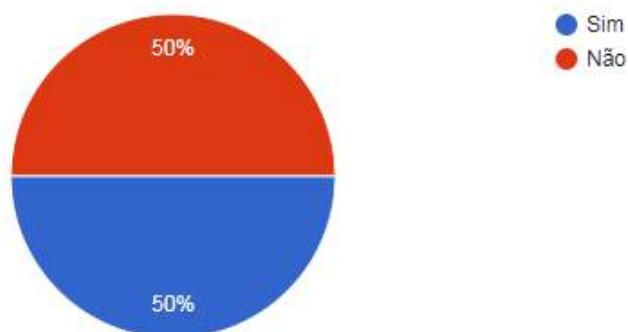
Gráfico 7 - "Você considera que a estrutura do curso de Biblioteconomia é democrática?"



Fonte: Dados de pesquisa

Em seguida, buscou-se descobrir qual era a perspectiva que os informantes deste grupo tinham em relação ao futuro profissional de seus alunos. Houve um empate entre as respostas, mas, em retrospectiva, percebeu-se que foi um exagero o emprego do termo "melhor", pois restringiu demais o resultado.

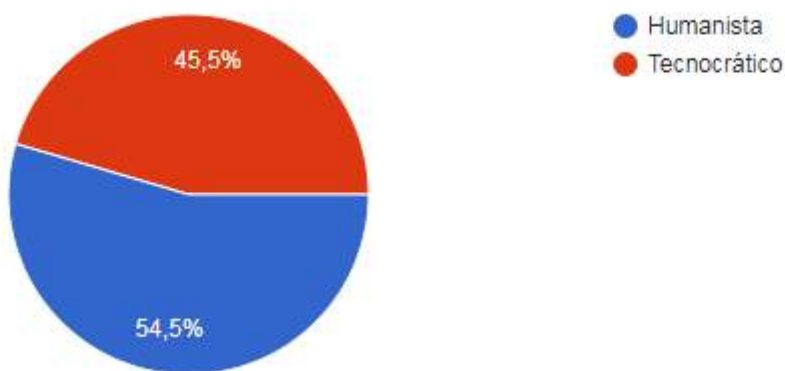
Gráfico 8 - "O panorama dos atuais graduandos de Biblioteconomia é melhor do que os de sua época e/ou sua área?"



Fonte: Dados de pesquisa

A seguinte pergunta busca elucidar qual das vertentes originais do curso de Biblioteconomia parece ser a mais evidente, pelo menos no caso da UFRJ, com base na visão de quem diretamente participa do processo de ensino. A visão mais voltada para o lado humano parece ser mais notório, apesar de ainda haver uma tendência perceptível para a técnica.

Gráfico 9 - "Você compreende o curso de Biblioteconomia como humanista ou tecnocrático?"



Fonte: Dados de pesquisa

A pergunta final era aberta, e tinha como título "O que você acha que pode ser feito para mudar esse paradigma da baixa procura?". O campo voltado para a resposta era sem limitações, a fim de permitir que os professores pudessem discorrer a respeito de suas opiniões sem se preocupar com restrições de tamanho do texto.

O termo "paradigma", de acordo com o Significados (2011, *online*), significa "**modelo ou padrão**, correspondendo a algo que vai servir de modelo ou exemplo a ser seguido em determinada situação" (Grifo do autor). Em vista desta definição, percebe-se que o emprego do termo "paradigma", neste caso, caracteriza um neologismo, que conforme o Norma Culta (2007, *online*), "é o nome dado a uma nova palavra criada ou a **uma palavra já existente à qual é atribuído um novo significado**" (Grifo do autor). O Toda Matéria (2017, *online*) afirma que "surgem com o intuito de suprir lacunas momentâneas ou permanentes acerca de um novo conceito". À luz dessas considerações, o emprego do termo "paradigma" nesse contexto se caracteriza como "um padrão dominante", se referindo ao fato da Biblioteconomia ser pouco visada ser aparentemente uma realidade no Brasil.

O padrão de resposta mais comum, que se repetiu três vezes, era o que propunha maior divulgação das competências e das atuações do Bibliotecário. Dentro dessa vertente, foi sugerido que houvesse um aumento de salário da categoria e a construção de uma imagem mais atraente para o curso e suas atividades, que fugisse da visão tradicional de mero guardador de livros em bibliotecas profissionais. Como métodos para tal, falou-se em maior promoção da área em eventos acadêmicos e dentro de escolas.

Também falou-se numa reestruturação dentro do curso. Algumas respostas propunham maior participação dentro da área acadêmica, tal como uma maior participação em conselhos universitários, em comunidades políticas, uma maior participação na vida política e social do Brasil. Maior preocupação com alunos de condições socioeconômicas mais frágeis foi outro ponto trazido nas respostas.

Uma resposta em particular dizia que nada poderia ser feito para fazer com que o curso de Biblioteconomia fosse mais conhecido, e que a baixa procura seria algo de fato positivo. Para sustentar esse ponto, o professor afirmou que o mercado não seria

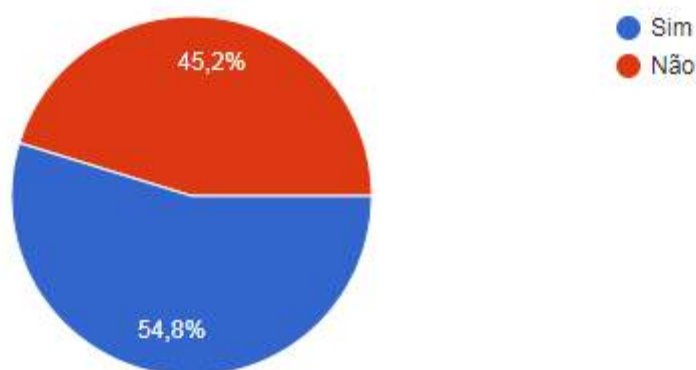
saturado de profissionais, tal como ocorre nos cursos mais visados. Outra resposta sugeria a ampliação do curso para Ciências da Informação, seguindo a linha do modelo europeu (CASTRO, 2011, p. 12).

5.3 SiBI

O formulário enviado aos bibliotecários do SiBI era composto por 9 perguntas, onde apenas 1 delas era aberta. A lista de e-mails dos bibliotecários foi coletada no site oficial da Instituição¹², totalizando 14. Entretanto, surpreendentemente, a contagem das respostas pelo *Google Docs* totalizou 43 respostas, excedendo bastante o total esperado. Infere-se que o questionário foi repassado para outros profissionais pelos bibliotecários que receberam diretamente as perguntas. Entretanto, por conta disso, não se pode afirmar com certeza se todos os participantes eram bibliotecários ou não.

Na primeira pergunta, é possível identificar que até mesmo entre bibliotecários já graduados, incluindo de gerações passadas, parece prevalecer a ideia de que sua profissão não tem o devido reconhecimento dentro da sociedade.

Gráfico 10 - "Você considera que a Biblioteconomia é vista como um curso hierarquicamente inferior no contexto do ensino superior?"

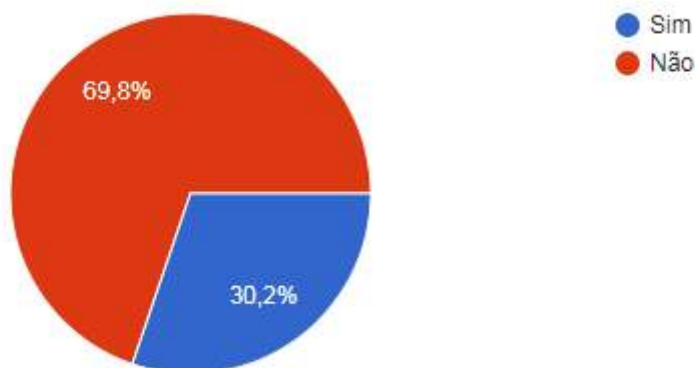


Fonte: Dados de pesquisa

¹² Disponível em: < <http://www.sibi.ufrj.br/index.php/o-sibi/equipe-sibi>>. Acesso em: 10 out. 2017.

Não obstante, até mesmo dentro desse grupo de maior experiência e, presumidamente, idade mais avançada, existe uma parcela maior de profissionais que estão na Biblioteconomia por razões imprevistas do que pessoas que já tinham a intenção de se formar na área.

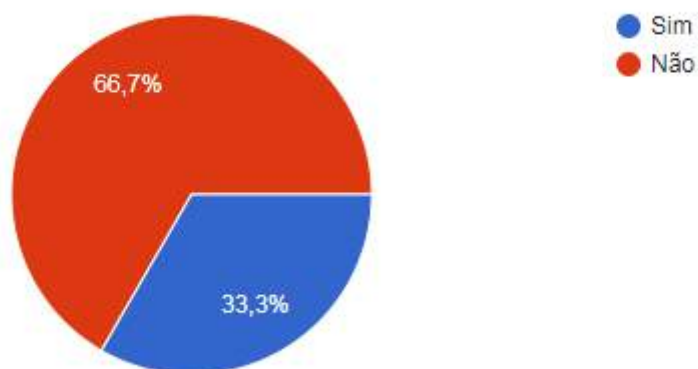
Gráfico 11 - "Você cogitava cursar Biblioteconomia antes de prestar vestibular?"



Fonte: Dados de pesquisa

O gráfico a seguir evidencia que esse quadro parece persistir até mesmo entre os colegas que frequentaram as aulas com os informantes. Contudo, vale ressaltar que essa questão em particular apresenta uma ambiguidade, não deixando claro se em todos os casos a resposta foi dada pensando que era sabido se eles pretendiam entrar ou não, ou se o bibliotecário não tinha certeza se era um dos casos.

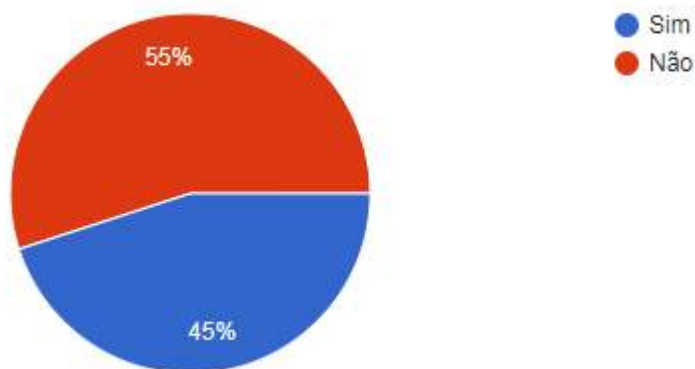
Gráfico 12 - "Você pode afirmar que sua turma pensava da mesma forma?"



Fonte: Dados de pesquisa

A seguir, também fica evidente que constrangimentos relacionados a escolha da Biblioteconomia como área de trabalho também ocorreram pelo menos uma vez à maioria de seus graduados que trabalham no SiBI.

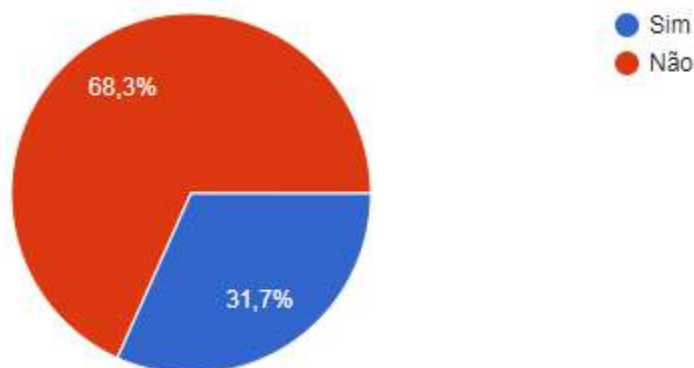
Gráfico 13 - "Você já sofreu constrangimentos sobre sua escolha por parte de outrem?"



Fonte: Dados de pesquisa

Do mesmo modo, a maioria dos profissionais também reconheceu que sua classe não tem o devido conhecimento por outrem.

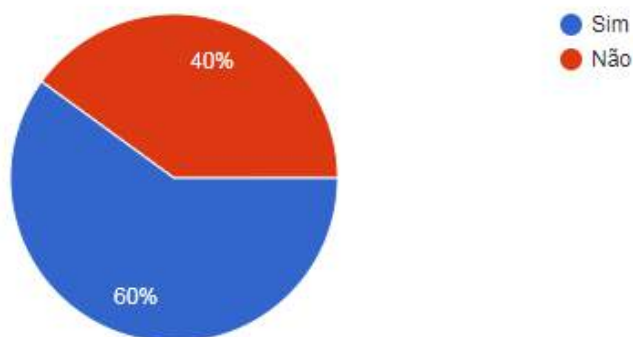
Gráfico 14 - "Você acha que sua profissão é devidamente reconhecida por profissionais de outras áreas?"



Fonte: Dados de pesquisa

Entretanto, a maioria reconhece que a Biblioteconomia atualmente tem uma perspectiva mais favorável atualmente do que no período de tempo em que se graduaram.

Gráfico 15 - "Você acredita que o panorama dos atuais graduandos de Biblioteconomia é melhor do que os de sua época?"

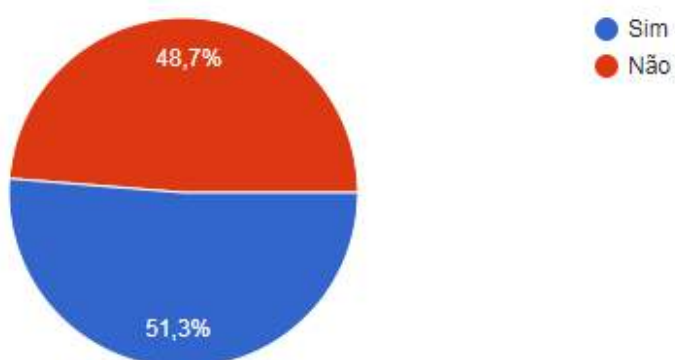


Fonte: Dados de pesquisa

A próxima pergunta é repetida do questionário apresentado aos professores. Neste caso específico, essa questão apresentou um equilíbrio em seu resultado, com

apenas uma pequena vantagem para o sim.

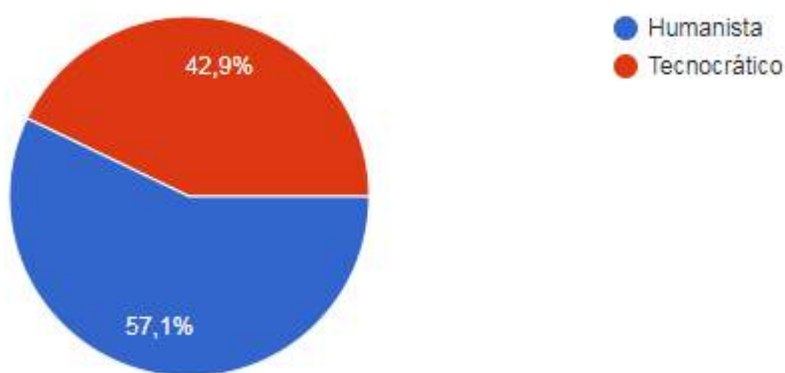
Gráfico 16 - "Você considera que a estrutura do curso de Biblioteconomia é democrática?"



Fonte: Dados de pesquisa

A última pergunta fechada também visava identificar a representação que o curso de Biblioteconomia que foi frequentado por estes tem com seus graduados em relação a sua vertente de ensino. A visão humanista tem uma predominância um pouco maior em relação à tecnocrática.

Gráfico 17 - "Você compreende o curso de Biblioteconomia como humanista ou tecnocrático?"



Fonte: Dados de pesquisa

Por fim, a pergunta final, do tipo aberta, era "o que você acha que pode ser feito para mudar esse paradigma da baixa procura?", e o total de informantes foi 29. Muitos deles falaram em maior divulgação do curso, de sua relevância e das áreas de atuação que vão além da biblioteca. Nesse último ponto, inclusive, falou-se de "demonstrar que a natureza deste profissional é lidar com informação que é um alicerce para quaisquer áreas do conhecimento". Os canais mais citados foram mídias, redes de ensino e eventos culturais. Também foram mencionadas campanhas de conscientização por meio das entidades de classe. A interação entre o bibliotecário e o usuário também foi mencionada, por ser um modo de comunicação sobre as bibliotecas.

Outros pontos relevantes nas respostas foram mudanças estruturais, como "maior preocupação com a parte técnica ao invés de apenas a gestão" e "elevar a autoestima do profissional". Um informante também afirmou acreditar que essa já está em processo de mudança com o decorrer do tempo, citando o curso fornecido pela UFRJ como um exemplo

Algumas respostas fugiram do escopo da pergunta e portanto não apresentaram dados relevantes para a pesquisa. Entretanto, dentro destas, uma delas apresentou conteúdo pertinente ao escopo do trabalho como um todo. Uma das bibliotecárias disse

que seu curso não a forneceu preparação técnica adequada, e que o mesmo prevalece até hoje pois os seus funcionários e estagiários não tem a preparação para realizarem tarefas como catalogação, classificação e indexação.

6 CONSIDERAÇÕES

Com base nos dados coletados e analisados, é evidente que a Biblioteconomia, de fato, possui uma desvalorização no contexto do Ensino Superior. Os resultados indicam que sua representação social é vista como a de uma “ciência leve”, assim como as ciências sociais e humanas, em contraste com as mais prestigiadas ciências duras.

Essa construção vem desde a origem da sociedade brasileira, pois foi evidenciado que o hábito da leitura nunca foi cativado pelas massas através de sua história. Do início, desde a chegada das bibliotecas no Brasil, seu acesso era restrito apenas a membros das ordens religiosas e a quem fosse autorizado através de pedido acatado. Entretanto, mesmo entre os colonos a demanda por documentos era baixa, e as bibliotecas eram mais um ativo para fins missionários do que uma área para conhecimento e cultura. O ensino que ela fornecia era reservado a poucos, e os frequentadores que se desenvolviam intelectualmente através delas completavam seus estudos no exterior. Dessa forma, a instrução e o ensino estavam restritos apenas a quem estivesse inserido em determinado grupo social.

Com o passar dos séculos, os livros e o conhecimento continuaram sendo acessíveis a apenas uma parcela pequena da sociedade, geralmente a elite brasileira. Com o surgimento das Bibliotecas Públicas, evidenciou-se um avanço democrático no acesso à informação e ao conhecimento. Entretanto, mesmo os supostos avanços mantinham uma certa face de exclusão, pois a disponibilidade da informação não abrangia toda a população de fato. Isso era um reflexo das divisões de classe na época, resultantes de uma sociedade escravocrata onde uma parcela considerável do povo sequer detinha direitos básicos.

Seguindo o mesmo caminho que foi estabelecido pelas suas raízes, as bibliotecas públicas não foram postas em primeiro plano nem mesmo com o surgimento do mundo moderno. Observou-se que é comum esses recintos caírem no esquecimento e decaírem a estados deploráveis, como aconteceu com as bibliotecas dos conventos. Também, mesmo quando o abandono não é manifesto, percebeu-se que elas são deixadas de lado por quem deveria prezar por elas, fato evidenciado pela decadência das bibliotecas públicas por problemas relacionados a repasses de verbas e por casos

de funcionários em desvio de função serem contratados para administrá-las.

Com esses recintos sendo sempre vistos como locais excludentes, surrupitados, abandonados e insalubres, essa imagem que foi cultivada com o passar dos anos causou o desenvolvimento de uma representação social no Brasil que é uma manifestação desse tipo de descaso. As bibliotecas são, para eles, locais desconvidativos, frequentadas apenas por gente extremamente culta e que não há nada a oferecer que possa causar uma melhora em sua qualidade de vida. Tendo sido elevadas em um território onde o povo, em sua maioria, ou não teve educação básica para sequer ser capaz de frequentá-las, ou não teve o estímulo para desenvolver seu interesse por elas, as bibliotecas estão fora da realidade de muitas pessoas.

Tendo desenvolvido essa representação social em relação às bibliotecas, a mesma foi transferida para a Biblioteconomia, por ser essa a ciência voltada para estudar as técnicas referentes a sua administração. Não conhecendo bem esse lugar por si só, e compartilhando apenas um conjunto de noções que são amplamente difundidas pela sociedade, a maior parte da população não reconhece o valor dessa profissão, a entendendo como algo desnecessário tal como as próprias bibliotecas.

Através das respostas dos informantes deste trabalho, ficou evidente, porém, que essa representação pode ser desconstruída quando se realmente se aprofunda no que a Biblioteconomia é e qual a relevância do bibliotecário para a sociedade. Tais construções parecem partir justamente da ignorância quanto a área, e do conhecimento limitado a respeito da função de uma biblioteca. Observou-se também que a representação social que foi desenvolvida em torno dessa área não foi tão acentuada quanto se esperava dentro da amostra analisada, apesar de ser evidente que esta é muito pequena e específica para ser significativa ao ponto de poder levar a novas conclusões.

Outro fator relevante que foi observado é que ainda não há uma imagem muito definida a respeito da estrutura da Biblioteconomia do ponto de vista do próprio bibliotecário. Evidência disso é que questões que faziam referência à estrutura do curso apresentavam resultados equilibrados, além de ocasionais indagações a respeito de sua relevância como um todo.

Apesar das inevitáveis ambiguidades nas respostas de alguns informantes,

pode-se inferir que a representação social da Biblioteconomia e do bibliotecário estão relacionadas com a própria situação da educação brasileira. Falta de incentivos, de políticas públicas na educação, escolaridade fraca, e baixo índice da leitura com índices de analfabetismo funcional altos levam ao desconhecimento da Biblioteconomia e do papel do bibliotecário.

Apesar disso, a biblioteca e as unidades de informação têm um valor crucial no desenvolvimento social, e a organização da informação e do conhecimento têm sido imprescindíveis para o avanço da humanidade. Hoje, na sociedade da informação e do conhecimento, é o seu fundamento. Desde o surgimento da ciência, o bibliotecário é o profissional que permite que a sociedade seja funcional, pois sem ele, uma informação resultante de um árduo processo de pesquisa não poderá ser passado adiante, tornando sua relevância nula. O mundo moderno é o resultado de séculos de conhecimento sendo passado de geração a geração, sendo refinado para então criar uma ideia que seja melhor do que a anterior. Tais desenvolvimentos teriam sido impossíveis não fosse o papel da Biblioteconomia fazer com que aquela nova informação passasse, de fato, a existir.

Essa importância precisa ser reconhecida pelos próprios profissionais da informação, para que ele possa se emancipar da visão retrógrada e predominante a seu respeito. Para que se possam ser comunicados os verdadeiros valores da Biblioteconomia, que vão de encontro a sua atual representação social, é necessário um empreendimento por parte dos bibliotecários para comunicar o seu valor, através de maior participação, divulgação e valorização da classe, tal como uma considerável parcela dos entrevistados sugeriu.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. REPRESENTAÇÃO SOCIAL. **Comum**, Rio de Janeiro, v.10, n.23, p.122-138, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/Artigo7.pdf> Acesso em: 15 out. 2017.

ALMEIDA, Neilia Barros Ferreira de; BAPTISTA, Sofia Galvão. Breve histórico da Biblioteconomia brasileira: formação do profissional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25, 2013, Florianópolis, SC. **Anais...** Florianópolis: FEBAB. p. 5436. Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1508/1509>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

BARROS, Moreno. **Biblio-quê?** [Rio de Janeiro]: Bibliotecários Sem Fronteiras, 2010, não paginado. Disponível em: <<https://bsf.org.br/2010/10/24/biblio-que/>>. Acesso em: 13 out. 2017.

BARROS, Moreno. **Biblioteconomia no sistema de seleção unificado**. [S.l.] : Bibliotecários Sem Fronteiras, 2012, não paginado. Disponível em: <<https://bsf.org.br/2012/01/25/biblioteconomia-sistema-selecao-unificada-sisu/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

BIBLIOO. **Biblio o quê?** [Rio de Janeiro]: Carta Capital, [20--], não paginado. Disponível em: <<http://biblioo.cartacapital.com.br/biblio-o-que/>>. Acesso em: 13 out. 2017.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil completa 100 anos**. Rio de Janeiro, 2015, não paginado. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2015/04/primeiro-curso-biblioteconomia-brasil-completa-100>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

BITUN, Ricardo; SOUZA NETO, João Clemente de. Formas elementares da vida religiosa: apontamentos de uma abordagem durkheimiana para compreensão da atualidade do fenômeno neopentecostal no Brasil. **Estudos de Religião**, v. 26, n. 42, p.63-82, 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/viewFile/3428/3217>>. Acesso em: 16 out. 2017.

BONIS, Gabriel. As bibliotecas sem leitores. **Carta Capital**, São Paulo, 13 out. 2011. Sociedade, não paginado. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/as-bibliotecas-sem-leitores>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

BOURDIEU, Pierre. Campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

BRASIL Escola. **Governo Geral**. [S.l.]: [s.n.], [201-], não paginado. Disponível em:

<<http://brasilecola.uol.com.br/historiab/governo-geral.htm>>. Acesso em: 5 maio 2017.

BRASIL Escola. **Pesquisas**: exploratória, descritiva e explicativa. [S.l.]: [s.n.], [201-], não paginado. Disponível em: <http://monografias.brasilecola.uol.com.br/regras-abnt/pesquisas-exploratoria-descritiva-explicativa.htm>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

CAMARGOS, Daniel. Medicina é o curso com maior nota de corte na UFMG. **In.**, Minas Gerais, 13 jan. 2016. Educação, não paginado. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2016/01/13/internas_educacao,724709/medicina-e-o-curso-com-maior-nota-de-corte-na-ufmg.shtml>. Acesso em: 2 jun. 2017.

CASTRO, Antonio (coord.) *et al.* **O curso de licenciatura em Ciência da Informação na U. Porto**: dez anos de actividade pedagógica e científica. Porto: Universidade do Porto, 2011.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia Brasileira**: perspectiva histórica. Brasília: Thesaurus, 2000.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. **APRENDER**, ano 2, n.2, p.105-114, 2004. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3792/pdf_121>. Acesso em: 15 out. 2017.

CUNHA, Luiz Antônio. **Ensino Superior e Universidade no Brasil**. [S.l.]: [s.n.], [2000]. p. 151-204. Disponível em: <http://www.densf.xpg.com.br/ensino_superior_e_universidade_no_brasil.doc>. Acesso em: 01 dez. 2017.

DANÇA, Biblioteconomia e Pedagogia têm as menores notas de corte em Fortaleza. **O Povo**, Fortaleza, 22 jan. 2015. ENEM, não paginado. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/maisnoticias/enem/2014/2015/01/22/notenem2014,3381177/danca-biblioteconomia-e-pedagogia-tem-as-menores-notas-de-corte.shtml>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. **Os elementos do texto narrativo**. [S.l.], MUNDO Educação, [201-]. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/os-elementos-texto-narrativo.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. **Pesquisas**: exploratória, descritiva e explicativa. [S.l.]: Brasil Escola, 201-. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.uol.com.br/regras-abnt/pesquisas-exploratoria-descritiva-explicativa.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

EGGERT, Gisela. A percepção social do profissional bibliotecário: uma pesquisa

exploratória. **Revista ACBSC**, Florianópolis, SC, v. 1, n. 1, p. 33-43, 1996. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/309/348>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

ESTUDO disciplinas. **Emile Durkheim, representações coletivas**. [S.l.]: Psicopsi, 2008, não paginado. Disponível em:<<http://psicopsi.com/pt/emile-durkheim-representacoes-coletivas/>>. Acesso em: 17 out. 2017

FRANKETHAL, Rafaela. **Pesquisa quantitativa e qualitativa: qual é a melhor opção?** [S.l.]: Mindminers, 2016, não paginado. Disponível em: <<https://mindminers.com/pesquisas/pesquisa-qualitativa-quantitativa>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

GAMA, Adriana Ferreira; SANTOS, Aline Renée Benigno dos; FOFONCA, Eduardo. Teoria das representações sociais: uma análise crítica da comunicação de massa de da mídia. **Revista Eletrônica Temática**, ano 6, n.10, sem paginação, out. 2010. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2010/outubro/representacao_comunicacao_midia.pdf>. Acesso em: 15 out. 2017.

GANDRA, Alan. Crise provoca desmobilização das bibliotecas parque do Rio. **Agência Brasil**, Brasília, DF, não paginado, 02 dez. 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2016-12/crise-provoca-desmobilizacao-das-bibliotecas-parque-do-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

GONZALEZ, Karen. **Collective Representation: Definition & Examples**. [S.l.], Study, [s.d.]. não paginado. Disponível em: <<http://study.com/academy/lesson/collective-representation-definition-examples.html>>. Acesso em: 15 out. 2017.

GUARESCHI, Pedrinho (Org.) **TEXTOS EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MEY, Eliana Serrão Alves. Biblioteconomia envergonhada. **OFAJ**, Paraná, set. 2009. Textos Gerais, não paginado. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=264>. Acesso em: 7 maio 2017.

MORAEZ, Grazielli. **Biblio... o que???** [S.l.]: Blog do Galeano, [20--], não paginado. Disponível em: <<http://www.blogdogaleano.com.br/2014/03/13/biblioque>>. Acesso em: 13 out. 2017.

MOSCOVICI, S. **On social representation**. In: FORGAS, J. P. (ed.). Social cognition. London: Academic Press, 1981, p. 181.

MOURA, Amanda. Profissões pouco populares que ganham espaços nos concursos públicos. **Mundo Bibliotecário**, São Paulo, não paginado, 27 out. 2011. Disponível em: <<https://mundobibliotecario.com.br/2011/10/27/profissoes-pouco-populares-que-ganham-espaco-nos-concursos-publicos/>>. Acesso em: 15 maio 2017.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machada. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. **Ci. Inf.**,

Brasília, v. 14, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 1985. Disponível em:
<<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/222/222>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

MUNDO VESTIBULAR. **Conheça os 10 cursos menos concorridos dos principais vestibulares.** [S.l.], [2013], não paginado. Disponível em:
<<http://www.mundovestibular.com.br/articles/16379/1/Conheca-os-10-cursos-menos-concorridos-dos-principais-vestibulares/Paacutegina1.html>>. Acesso em: 15 maio 2017.

MUNDO VESTIBULAR. **Cursos mais fáceis no SiSU.** [S.l.], 201-. , não paginado. Disponível em: <<http://www.mundovestibular.com.br/articles/16947/1/Cursos-mais-faceis-no-SiSU/Paacutegina1.html>>. Acesso em 26 nov. 2017.

NITAHARA, Akemi. Brasil ainda tem 112 municípios sem bibliotecas públicas. **Agência Brasil**, Brasília, DF, não paginado, 3 jan. 2016. Cultura. Disponível em:
<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2016-01/brasil-ainda-tem-112-municipios-sem-bibliotecas-publicas>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

NOGUEIRA, Maria Cecília Diniz. A realidade da biblioteca pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 205-212, set. 1983. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/15777>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

NORMA Culta. Neologismo. [S.l.], 2007. Disponível em:
<<https://www.normaculta.com.br/neologismo/>>. Acesso em: 09 dez. 2017.

OLIVEIRA, Dalgiza Andrade. Marcos históricos e legais do desenvolvimento da profissão de bibliotecário no Brasil. **Revista ACB**, Florianópolis, v.11, n. 2, p. 259-272, ago./dez., 2006. Disponível em: <<https://revista.acb.org.br/racb/article/view/449/565>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

OLIVEIRA, Márcio de. O conceito de representações coletivas: uma trajetória da divisão do trabalho às formas elementares. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 13, n. 22 p. 67-94, jul./dez. 2012. Disponível em:
<<http://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/30352/23579>>. Acesso em: 15 out. 2017.

PAIVA, Alline Heloise Valle *et al.* Biblioteconomia: aspectos da formação bibliotecário no contexto brasileiro. **Rev. Inf. na Soc. Contemp.**, Natal, RN, v.1, n.2, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/11578/8154>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

PAULA, Chico de. **Depoimentos:** Bibliotecárias falam das motivações que as levaram a escolher a Biblioteconomia como profissão. [Rio de Janeiro]: Biblio, 2013a, não paginado. Disponível em: <<http://biblio.cartacapital.com.br/depoimentos/>>. Acesso em: 7 nov. 2017.

PAULA, Chico de. **Ser ou não ser bibliotecário**. [Rio de Janeiro]: Biblio, 2013b, não paginado. Disponível em: <<http://biblio.cartacapital.com.br/ser-ou-nao-ser-bibliotecario/>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

PAULA, Thaís R. Franciscon de. **Biblio o quê mesmo? OFAJ**, Paraná, maio 2008. Passos e Espaços do Estudante, não paginado. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=355>. Acesso em: 13 jun. 2017.

PORTAL do Bibliotecário. **Professores readaptados nas Bibliotecas**. [S.l.], 2017. Disponível em: <<http://portaldobibliotecario.com/biblioteca/professores-readaptados-nas-bibliotecas/>>. Acesso em: 15 maio 2017.

PÓS-GRADUANDO. **As diferenças entre pesquisa descritiva, exploratória e explicativa**. [S.l.], [201-], não paginado. Disponível em: <<http://posgraduando.com/diferencas-pesquisa-descritiva-exploratoria-explicativa/>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social**, 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2010.

SANTOS, D.; GOMES, I.; FARIA, M. D. A representação do profissional de Biblioteconomia: um estudo com textos culturais. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 12, n. 3, p. 75-95, 2014. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/15604>>. Acesso em: 31 maio 2017.

SIGNIFICADOS. **Significado de paradigma**. [S.l.], 2011. Disponível em: <www.significados.com.br/paradigma/>. Acesso em: 09 dez. 2017.

SIGNIFICADOS. **Significado de Pesquisa qualitativa**. [S.l.], [201-], sem paginação. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/pesquisa-qualitativa/>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

SILVA, Bruzo Izaías da. **Capitanias hereditárias**. [S.l.]: InfoEscola, 20--, não paginado. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/capitanias-hereditarias/>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. **Bibliotecários especialistas: guia de especialidades e recursos informacionais**. Brasília: Thesaurus, 2005.

SOARES, M. F. T.; FREIRE, B. M. J. Imagem bibliotecária(o): uma análise em películas cinematográficas. **Biblionline**, Paraíba, v. 1, n. 1, p. 1-23, 2005. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/9288>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

SOUZA, Francisco das Chagas. **O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro**. Florianópolis: UFSC, 1990.

SUA PESQUISA. **Jesuítas**. [S.l.], [s.d.], não paginado. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/religiososociais/jesuitas.htm>>. Acesso em: 5 maio 2017.

SUAIDEN, Emir José. **Biblioteca pública brasileira**. São Paulo: LISA, 1980.

TAKAHASHI, Tadao (Org.) **Sociedade da Informação no Brasil**: Livro Verde. Brasília: MCTI, 2000.

TODA Matéria. Neologismo. [S.l.], 2017. Disponível em: <www.todamateria.com.br/neologismo/>. Acesso em: 09 dez. 2017.

VIEIRA, Ronaldo. **Introdução à teoria geral da Biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

WALTER, Maria Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. Os docentes de Biblioteconomia, documentação e ciência da informação no Brasil: alguns resultados de estudo exploratório sobre as representações da profissão bibliotecária. **Encontro Bibli**, v.14, n. 18, p. 1-37, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2009v14n28p01/19552>>. Acesso em: 27 maio 2017.

XAVIER, Ana Paula. **Biblio... QUÊ???** Rio de Janeiro: Uma tal Xavier, [2015]. (não paginado). Disponível em: <<http://umatalxavier.blogspot.com.br/2015/09/biblio-que-peds-26.html>>. Acesso em: 13 out. 2017.

APÊNDICE A - CONVITE AOS ALUNOS

Aos alunos do curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da UFRJ,

Eu, João Victor Mendes Souza, aluno do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da UFRJ, do oitavo período, turma 2014.1, solicito sua colaboração para participar desta pesquisa referente ao Trabalho de Conclusão de Curso cujo título é "A origem da construção social do bibliotecário: a visão hierárquica do Ensino Superior" que está sendo construído por mim e orientado pela Profa. Dra. Ana Senna com coorientação do Prof. Dr. Renato Nunes Bittencourt.

O objetivo desse trabalho é traçar um panorama a respeito das representações sociais que envolvem o curso de Biblioteconomia e o bibliotecário no Brasil.

Para isso, solicito sua contribuição respondendo a este questionário. Deixo claro que os dados aqui produzidos serão divulgados apenas em publicações acadêmicas e que seu anonimato será mantido em qualquer circunstância.

Você receberá esclarecimento da pesquisa para qualquer dúvida;
Você poderá desistir de participar da pesquisa mesmo que já tenha se manifestado favoravelmente;
não será exposto a riscos.

Considero que, ao responder à entrevista, estará me autorizando a incluir sua resposta na referida pesquisa, respeitando os termos supramencionados.

Agradecimentos,

João Victor Mendes Souza

APÊNDICE B - CONVITE AOS PROFESSORES

Aos professores do CBG da UFRJ,

Eu, João Victor Mendes Souza, aluno do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da UFRJ, do oitavo período, turma 2014.1, solicito sua colaboração para participar desta pesquisa referente ao Trabalho de Conclusão de Curso cujo título é "A origem da construção social do bibliotecário: a visão hierárquica do Ensino Superior" que está sendo construído por mim e orientado pela Profa. Dra. Ana Senna com coorientação do Prof. Dr. Renato Nunes Bittencourt.

O objetivo desse trabalho é traçar um panorama a respeito das representações sociais que envolvem o curso de Biblioteconomia e o bibliotecário no Brasil.

Para isso, solicito sua contribuição respondendo a este questionário. Deixo claro que os dados aqui produzidos serão divulgados apenas em publicações acadêmicas e que seu anonimato será mantido em qualquer circunstância.

Você receberá esclarecimento da pesquisa para qualquer dúvida;
Você poderá desistir de participar da pesquisa mesmo que já tenha se manifestado favoravelmente;
não será exposto a riscos.

Considero que, ao responder à entrevista, estará me autorizando a incluir sua resposta na referida pesquisa, respeitando os termos supramencionados.

Agradecimentos,

João Victor Mendes Souza

APÊNDICE C - CONVITE AOS BIBLIOTECÁRIO DO SiBI

Aos bibliotecários do SiBI da UFRJ,

Eu, João Victor Mendes Souza, aluno do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da UFRJ, do oitavo período, turma 2014.1, solicito sua colaboração para participar desta pesquisa referente ao Trabalho de Conclusão de Curso cujo título é "A origem da construção social do bibliotecário: a visão hierárquica do Ensino Superior" que está sendo construído por mim e orientado pela Profa. Dra. Ana Senna com coorientação do Prof. Dr. Renato Nunes Bittencourt.

O objetivo desse trabalho é traçar um panorama a respeito das representações sociais que envolvem o curso de Biblioteconomia e o bibliotecário no Brasil.

Para isso, solicito sua contribuição respondendo a este questionário. Deixo claro que os dados aqui produzidos serão divulgados apenas em publicações acadêmicas e que seu anonimato será mantido em qualquer circunstância.

Você receberá esclarecimento da pesquisa para qualquer dúvida;
Você poderá desistir de participar da pesquisa mesmo que já tenha se manifestado favoravelmente;
não será exposto a riscos.

Considero que, ao responder à entrevista, estará me autorizando a incluir sua resposta na referida pesquisa, respeitando os termos supramencionados.

Agradecimentos,

João Victor Mendes Souza

APÊNDICE D - RESPOSTAS DAS PERGUNTAS ABERTAS AOS ALUNOS

Por que a escolha da Biblioteconomia como profissão? (38 respostas)

1. Pela experiência na prática e por ser uma profissão promissora
2. Na verdade foi mais um acaso do que uma escolha. com o passar do tempo passei a conhecer e me identificar com essa área que antes era tão desconhecida.
3. Acho que o curso possui conteúdo interessante
4. Escolhi especificamente o curso do CBG por achar que viria a somar à minha experiência na área administrativa, seguindo ao encontro da minha recente formação como Personal Organizer.
5. Minha mãe é formada em técnico de Biblioteconomia, então ao escolher as opções no ENEM eu procurava um curso diferente e com a orientação dela acabei escolhendo Biblioteconomia.
6. Porque me identifico com seu viés da informação
7. Pela extensão da interdisciplinaridade do curso e das possibilidades do mercado de trabalho.
8. Eu pesquisei e quando vi que se tratava de local com livros, me identifiquei. E arrisquei fazer.
9. pq já tenho idade(57 anos) e pretendo realizar concurso. Achei q seria mais fácil p discriminação de idade, q bem sabemos deve existir em empresas privada.
10. Identificação com a área. Eu estava entre biblioteconomia, museologia e psicologia. Na dúvida, optei pela que tinha a menor nota de corte.
11. Pois sempre gostei de bibliotecas e pelo gosto de ler.
12. Gostar de bibliotecas
13. Tenho uma irmã bibliotecária e através dela, pude me apaixonar pela Biblioteconomia.
14. Como uma oportunidade de me encontrar dentro de uma profissão diferente de outras

15. Pelas diversas oportunidades em campos distintos do conhecimento.
16. Amo livros
17. Pela importância social do profissional
18. Porque quero abrir uma Biblioteca Comunitária.
19. Porque me identifiquei com o curso e com quase todas as matérias de sua grade.
20. Mercado de trabalho promissor
21. Porque eu queria trocar de curso, e as matérias eram equivalentes. (Ou não, né) rsrs
22. Por que eu passei
23. Não tinha o curso em mente, mas quando entrei sei que minha escolha é por amor a leitura.
24. Pra ser sincera, não escolhi "de cara" e sim porque minha nota permitia entrar e cheguei a pesquisar sobre a área e a princípio, me identifiquei.
25. Foi o curso que mais se encaixou em meu desejo de trabalhar em um editora futuramente
26. Porque me identifiquei com a grade e com a proposta social do curso.
27. Pois além de seu enfoque social que muito me agrada, venho bastante oportunidades de trabalho.
28. Amor por livros
29. pra entender como funcionam as coisas até a informação chegar até a mim
30. Por ser uma profissão que abrange muitas áreas
31. Como segunda opção foi a que eu mais me identifiquei e vi oportunidades futuras.
32. Porque me identico com o estudo da organização da informação.
33. Como disse abaixo, nao conhecia o curso previamente. Escolhi porque vi boas perspectivas e me interessei tanto pela parte relacionada a tecnologia quanto pelas atividades mais tradicionais.
34. Porque me apaixonei pelo curso.
35. Não houve escolha, foi pontuação.
36. A sociedade precisa do conhecimento, da preservação e propagação do saber a

tão poucos permitida, e a muitos omitida. E principalmente por vocação.

37. Não escolhi

38. Achei que tinha a ver comigo porque gosto de ler, amo aprender e fico muito satisfeita quando consigo ajudar alguém.

Que representação você tem do bibliotecário com a sociedade? (37 respostas)

1. Ainda existe aquela visão retrógrada do mero guardador de livros, isto está sendo desconstruído aos poucos. Mas o bibliotecário é um profissional da informação que muito contribui para o desenvolvimento social, político e econômico do país
2. é um profissional que desenvolve um papel importante, porém ainda sim é uma profissão pouco conhecida por outros profissionais.
3. É um profissional com uma responsabilidade social muito grande
4. Profissional de extrema importância para a sociedade
5. Um profissional que cuida da informação.
6. Acredito que sua posição na formação e na informação dos cidadãos é muito importante. O bibliotecário é um profissional que deve estar sabendo aprender e considerar as diferentes formas de guiar as pessoas para o conhecimento.
7. Hoje penso num bibliotecário como um profissional de excelência para disponibilizar a informação aos seus clientes.
8. Profissional capacitado para trabalhar com a informação.
9. O profissional é o interlocutor da informação para com a sociedade.
10. Não entendi. A representação que eu tenho ou a que eu enxergo na sociedade?
A que eu tenho é a mais diversa possível, pois estou prestes a me formar e, a esse ponto, já vi bibliotecários dos mais diversos. Entretanto, tentando afunilar um pouco: a maioria é mulher. Vejo poucos homens na profissão quando comparados às mulheres. Já a representação que eu vejo na sociedade é aquela...velhinha de óculos que faz "shhh".
11. Temos um papel importantíssimo de na sociedade de disseminação da informação e da crítica no ser humano.

12. Um profissional que ajuda outras pessoas.
13. Com o que tenho aprendido, fundamental na hora de filtrar os acervos informacionais. Independente da área de atuação.
14. Uma representação ainda ausente, que precisa sair das paredes de bibliotecas e unidades de informação para alcançar a sociedade
15. Profissional que contribui para a disseminação da informação
16. Apesar de muito se falar da atuação social do bibliotecário, ainda não a vejo cotidianamente
17. Uma função de suma importância para o crescimento do homem perante a sociedade, construção do conhecimento. O Bibliotecário é o mediador entre a informação e a comunidade.
18. Um gestor de informação.
19. Como o profissional responsável pela gestão da informação na sociedade
20. Disseminador e facilitador de acesso da informação.
21. Alguem chato e velho
22. Nós formamos a sociedade.
23. O bibliotecário é a ponte entre a informação e o usuário.
24. um mediador de informação
25. Confesso que carregava um pouco do estereótipo da velhinha de óculos, mas agora vejo que a função do bibliotecário é muito importante.
26. Acredito que ele pode ir além do que têm feito, temos muito a contribuir com quem realmente precisa nessa sociedade cada vez mais excludente e que não se importa com a necessidade do outro. Vejo muitos bibliotecários voltados aos afazeres técnicos, e acabam deixando "morrer" o sentido maior e mais nobre da profissão, o de servir a sua comunidade promovendo de fato uma maior dignificação da pessoa humana.
27. Super importantes
28. uma espécie em processo de transformação
29. O bibliotecário representa a responsabilidade de organizar e preservar a informação em sua imensidão para a sociedade.
30. Aquele que auxilia na busca de conhecimento.

31. Como mediador e transformador de Informação
32. O bibliotecário é um profissional que tem a capacidade não só de disseminar as informações, mas também auxiliar na formação de indivíduos, fazendo com que estes tenham melhor visão de uma área do conhecimento específica ou mesmo da sociedade em geral.
33. Um agente da informação e cultura.
34. Importante
35. Guardiões do conhecimento
36. Apenas uma pessoa dentro de uma biblioteca
37. Aqui o bibliotecário é uma figura apagada, o que é muito injusto. Já em outros países percebo que eles têm o respeito merecido.

Qual a função de uma Unidade de Informação para a sociedade? (35 respostas)

1. Contribuir para a formação crítica e emancipatória do indivíduo, por meio da organização e disseminação da informação, sobretudo para o seu desenvolvimento social, pessoal e profissional.
2. Democratizar o acesso à informação, bem como promover o conhecimento para a formação do indivíduo na sociedade.
3. Propiciar de maneira organizada a disseminação da informação de modo democrático
4. Tem a função social de auxiliar na busca, facilitar o acesso e disseminar a informação contribuindo para um alcance de uma sociedade o mais capacitada possível.
5. Informar!
6. É a luz que impede a escuridão da ignorância e da irracionalidade. A unidade de informação é a verdadeira esperança de que o conhecimento pode ser propagado pelas futuras gerações, sedimentando uma estrutura firme para alçar o desenvolvimento da sociedade como um todo.
7. Organizar o conhecimento e disponibilizá-lo enquanto informação.
8. A função é social. Isto porque a unidade de informação está ali para dar suporte

as pessoas que precisam de informação.

9. A UI é o centro propagador das informações, das necessidades do usuário, daquele que procura por algo...
10. Prover acesso à informação a partir de uma organização estruturada de suportes informacionais.
11. Fomentar a crítica e desenvolver pessoas pensantes e questionadoras.
12. Servir como um espaço de uso e um local para se buscar informações
13. Prestar uma nova visão ao conhecimento.
14. São muitas!
15. Local de conhecimento
16. Proporcionar o acesso a informação para a população
17. A transformação ou o início de uma nova geração. Com a informação se gera o conhecimento, muito importante para todos.
18. De suma importância.
19. Ser um local aonde os indivíduos tenham acesso à informação que desejam de maneira facilitada e organizada.
20. Apresentar informação, cultura e oportunidades.
21. Democratizar e possibilitar o acesso, e preservar a inf.
22. A informação é necessária para a sociedade, já que todos precisam estar informados sobre a mundo a volta.
23. Fonte de informação e cultura
24. Selecionar e, mais importante, disponibilizar essa informação para a população.
25. Servi-la de forma a promover maior dignificação da pessoa humana não só com a informação, mas com todos os artifícios que o bibliotecário dispõe como promoção de atividades culturais, oficinas de competência informacional e outros.
26. Disseminar informação
27. ser um lugar meio pra que a informação chegue seguramente até o usuário
28. Atender todos os públicos.
29. Engrandecer a sociedade, auxiliando-a através da mediação da informação
30. Atender as necessidades informacionais de sua comunidade. Antes tinha a visão

apenas da importância da conservação, hoje vejo também a necessidade biblioteca se dirigir ao público, oferecer serviços etc.

31. Um função cultural, estrutural e principalmente educacional.

32. Informar

33. Preservação, conservação e propagação do conhecimento, e administração da unidade de informação

34. Gerar informação, conhecimento e cultura.

35. Garantir acesso à informação correta, que muitas vezes nem o usuário sabe qual é, além de garantir a integridade do conhecimento. Muitas informações de tempos imemoriais não chegariam até nós se não fossem os antigos bibliotecários - mesmo aqueles que não tinham esse título, mas se comportaram com tais.

APÊNDICE E - RESPOSTAS DAS PERGUNTAS ABERTAS AO CBG

O que você acha que pode ser feito para mudar esse paradigma da baixa procura? (10 respostas)

1. Você está inferindo que eu sei que o curso tem baixa procura. Eu especialmente preferiria comparar com outros cursos da expansão para poder afirmar isto. Na premissa de que tem realmente nada procura, eu ampliaria o curso para Ciência da Informação com ênfases em Biblioteconomia ou Business Intelligence.
2. Divulgação das novas competências e áreas de atuação
3. Aumento de salários da categoria e construção de uma imagem mais atraente para o curso e para as atividades relacionadas a ele
4. Divulgar os diferentes campos de atuação do bibliotecário saindo do tradicional.
5. Entendo que a profissão vem passando por impacto das TIC mas considero que os fundamentos que norteiam a profissão são fortes e consolidados. Daí procura a área aqueles que se sentem motivados.
6. Acredito que essa é uma questão muito complexa e que não tem uma resposta pronta. Na minha percepção a profissão de bibliotecário ainda não é vista pelo senso comum como de grande importância, mas, ao mesmo tempo, acredito que isso já se modificou bastante e continua em vias de transformação. Nesse processo o papel de bibliotecários, professores e alunos é essencial. Maior participação em conselhos universitários, em comunidades científicas, aperfeiçoamento do conhecimento por meio de mestrados e doutorados com pesquisas relevantes, inserção na vida política e social do país de forma mais intensa. Cursos adequados à realidade da maioria dos alunos, que são de baixa renda, com horários mais acessíveis para estágios e/ou trabalho.
7. Primeiramente não se trata de um "paradigma"... Sobre o que pode ser feito para aumentar a procura? Nada (a não ser que a procura se torne 0...). Alguns cursos possuem baixa concorrência e isso não é de todo ruim, uma vez que, não irá

saturar o mercado como ocorre em algumas áreas de alta concorrência como direito e administração, por exemplo.

8. Adequação de horário para o caso da UFRJ.
9. Não sei se essa afirmação pode ser considerada um fato. De qualquer forma, penso que é importante que se divulgue mais a área como uma profissão que lida com organização e disseminação de documentos, seja em que suporte for, e mudar um pouco a ideia de que a Biblioteconomia serve apenas a bibliotecas tradicionais. Da mesma forma, acho que é preciso que haja uma maior compreensão nos cursos para o atendimento de um perfil de estudante que tem uma condição socioeconômica frágil.
10. uma maior promoção da área em eventos acadêmicos e escolas de ensino médio.

APÊNDICE F - RESPOSTAS DAS PERGUNTAS ABERTAS AO SiBI

O que você acha que pode ser feito para mudar esse paradigma da baixa procura? (29 respostas)

1. Não compreendi o que quer dizer com democrática na pergunta g. Pela minha experiência como bibliotecária, o curso não me preparou para desempenhar as atividades no trabalho propriamente dito. Como ainda continua não preparando, pois tenho recebido estagiários e bibliotecários recém-formados sem o devido conhecimento técnico para o trabalho, como por exemplo catalogação, classificação e indexação.
2. Divulgação das reais atribuições do Bibliotecário contribuindo de maneira eficaz para o desenvolvimento da educação dos indivíduos de uma sociedade, adquirindo conhecimento que certamente irão cooperar para o crescimento intelectual de uma nação.
3. Divulgação do profissional e sua habilitação para participação em diferentes instâncias de pesquisa e/ou atuação de outros profissionais. Demonstrar que a natureza deste profissional é lidar com informação que é um alicerce para quaisquer áreas do conhecimento. Os profissionais devem assumir mais atividades junto aos usuários, pois esse tipo de postura fará com que a área seja vista de forma.
4. Existe um paradigma de baixa procura?!? Na questão G você se refere ao curso da UFRJ somente?!? Boa sorte!
5. Na verdade acredito que não há uma baixa procura, mas sim, uma segunda opção de curso. Digo, vou tentar Medicina, caso eu não passe vou tentar Biblioteconomia. Acredito que com o tempo muitas pessoas passam a se identificar com o curso, mas não é algo que será assim para todos. Falando da minha experiência, via os professores que lecionavam algo sobre tecnologia, por exemplo, e mal sabiam ligar um slide. São contrapontos que não deveriam

existir. O curso de Biblioteconomia é importante, o profissional formado por ele não trabalha apenas em bibliotecas e o nosso foco de trabalho é o usuário e a informação. Porém o que prevalece é que guardamos livros. Como pensar em mudar esse estigma? Podemos pensar juntos?

6. Divulgar mais o que um bibliotecário faz e sua importância.
7. Esclarecimento das atividades desempenhadas pelo bibliotecário não somente dentro da biblioteca
8. Já mudou muito! O Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da UFRJ foi planejado para o ambiente XXI. Foi pensado tanto do ponto de vista de um saber abrangente, como do uso de novas tecnologias. A academia constatou que a sociedade não pode prescindir de bibliotecários. Avançamos significativamente.
9. Precisamos ser mais atuantes enquanto bibliotecários, acreditarmos que nosso papel vai além de catalogar e gerenciar bibliotecas. Entendermos que somos mediadores da informação para nossos usuários. Não estamos presos a bibliotecas físicas e temos um papel essencial na sociedade.
10. Mais divulgação. Mais empregos. E reconhecimento da necessidade de se ter uma biblioteca para estimular a leitura, a interpretação e o imaginário.
11. extinguir o curso
12. Campanhas de conscientização e valorização da profissão via entidades de classe como CRBs e Sindicatos, aliados as Faculdade que oferecem a formação de Biblioteconomia, no âmbito do Estado. Inclusive criação de fóruns chamando à classe para trabalhar em prol da desconstrução de tais perfis negativos, valorização e união da categoria.
13. marketing ensinado e usado
14. Se há um "paradigma de baixa procura" acredito que seja por falta de divulgação sobre do que se trata o "fazer" Bibliotecário e até onde pode ir suas práticas e seus campos de atuação, hoje muito vasto por sinal.
15. Maior divulgação nas mídias sobre a importância das nossas atividades.
16. Mais divulgação na sociedade sobre as potencialidades da profissão. Tenho algumas considerações a fazer em relação a alguns itens deste questionário:

letra D - foram poucos os constrangimento que sofri, mas defendi minha profissão, entretanto a maioria das pessoas desconhece o real significado de ser bibliotecário; letra E, são poucos os profissionais que vêem o bibliotecário como uma profissão inferior, a maioria reconhece e respeita.

17. Acho que os novos cursos deveriam se preocupar também com a parte técnica, não só com gestão
18. Possibilitar que em alguns seguimentos (bibliotecas escolares, por exemplo), não seja exigida formação em biblioteconomia a nível de graduação para atuar nestes espaços, mas a nível de pós graduação. Isso poderia contribuir para o alargamento da base profissional, permitindo que os profissionais tivessem mais poder de barganha política e, conseqüentemente, mais reconhecimento social
19. ter mais informação sobre o que é uma biblioteca e o bibliotecário, como funciona, qdo fiquei sabendo da grade curricular, fiquei apaixonada pelo curso e isso foi a mais de 30 anos atrás, agora deve estar melhor ainda.
20. Acredito que o próprio profissional de Biblioteconomia não pode ver a sua profissão como inferior. Conheço muitos profissionais que simplesmente se acham inferiores. Mesmo possuindo título de Mestre/Doutor. Trabalhamos com a Organização, Gestão, Informação, Tecnologia.... Estamos sempre atuando em várias áreas e mesmo assim, alguns se acham inferiores. Acho que a mudança tem que começar com a própria classe.
21. Divulgação do curso de Biblioteconomia nas escolas de ensino médio.
22. A mudança deve vir desde o ensino infantil com a valorização e conhecimento da profissão e do profissional, incentivo à leitura e utilização dos espaços de informação. Dessa forma, o curso poderá ser conhecido e reconhecido.
23. Maior atuação junto às áreas concorrentes: Arquivo, TI e Administração e Educação..
24. Melhor divulgação sobre o trabalho do bibliotecário apresentando as várias vertentes em que este trabalho está presente. Evidenciar a importância do trabalho do bibliotecário no desenvolvimento da sociedade através do tempo. Incentivar a imersão cultural necessária para o desenvolvimento profissional. A informação está em todos os lugares e o bibliotecário pode trabalhar em

qualquer um deles. Aumentar a autoestima do profissional e do aluno através do conhecimento da importância histórica do bibliotecário. Profissão importante desde a antiguidade, atuante em todas as áreas do saber e das atividades do Homem.

25. O bom profissional é sempre valorizado; seja eficiente e sempre terá reconhecimento. Aperfeiçoe-se!, capacite-se!, tenha iniciativa!, melhore sua autoestima!
26. Penso que poderá, por parte do bibliotecário, desenvolver ações que tornem a profissão mais interessante e atrativa. As ações existem, o que falta, é que seja colocadas em prática com amor a profissão e dedicação. Para que os outros possam atribuir-lhe o devido valor. A valorização deve começar por nós Bibliotecários.
27. Divulgação do curso de Biblioteconomia
28. Nada. O curso não tem uma baixa procura, e sim mediana. Na verdade grande parte da visão do curso é uma característica brasileira e que não corresponde ao padrão visto no exterior (e não precisa ir muito longe, basta olhar nos nossos vizinhos: Argentina, Chile e Colômbia). Me desculpe a franqueza, mas algumas das questões do questionário deveriam ser abertas, conseqüentemente deveria ser uma pesquisa mais qualitativa e menos quantitativa. Existem outras variáveis que ficaram fora pela forma binária como estão as possibilidades de resposta. A pergunta h) é uma discussão vazia e que não corrobora em nada com a área. Basta refletir sobre essa perspectiva em outras profissões, exemplo: Se você tivesse que contratar um programador pra desenvolver um software, preferiria um humanista ou tecnocrático? Se fosse se consultar com um médico, preferiria um humanista ou tecnocrático? Jesse Shera tem um artigo de 1970 sobre os fundamentos da biblioteconomia em que diz: "Se é verdade que toda prática sem teoria é burra, é igualmente verdade que toda teoria sem prática é cega".
29. Divulgação ampla sobre o cotidiano do profissional da área em escolas de ensino médio.